

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2008

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

DO MUNDO DAS SOMBRAS AO MUNDO DOS VIVOS: OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA E O MEGALITISMO DA BEIRA ALTA, MEIO SÉCULO DEPOIS

João Carlos de Senna-Martinez¹ & José Manuel Quintã Ventura²

“...Foram feitas várias tentativas para sistematizar e reunir, num esquema compreensivo e uniforme, os monumentos megalíticos da Península Iberica, mas todas sem êxito, visto não se tratar dum fenómeno de evolução unicêntrica ou unilinear...”

O. da VEIGA FERREIRA & M. LEITÃO [s/d (1981), p.157].

Quando em 1983 começámos o percurso pessoal que nos conduziria à elaboração da nossa Dissertação de Doutoramento (SENNA-MARTINEZ, 1989) cedo se nos tornou evidente ser incontornável uma profunda revisão dos trabalhos anteriores na nossa área de estudo e espaços limítrofes. Dentre estes, os trabalhos, no final dos anos cinquenta do século passado, de Octávio da Veiga Ferreira, Luís de Albuquerque e Castro e Abel Viana e os três textos que deles resultaram (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957a e 1957b; CASTRO & FERREIRA, 1959), se bem que datados, representavam, nomeadamente pelos dados obtidos em Antelas, um contributo importante.

É pois oportuno que iniciemos este ponto de situação sobre os nossos conhecimentos respeitantes ao megalitismo da Beira Alta, forma de participarmos nesta homenagem ao Mestre e amigo saudoso, com uma resenha dos resultados obtidos por aqueles investigadores.

O primeiro texto produzido por esta equipa trata dos monumentos dolménicos da bacia do Vouga desde a vertente atlântica do Maciço Marginal até à sua parte interior. Constitui o relatório de uma campanha de prospecções efectuada entre Abril e Maio de 1956 (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957a, p. 472). Já em Agosto do mesmo ano foi iniciada a escavação do dólmen de Antelas, concluída em Abril de 1957 (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957b, p. 326). Desta intervenção e seus resultados ressaltamos:

- A cuidadosa descrição arquitectónica da câmara e corredor do monumento e das pinturas dos esteios respectivos. Contudo, a mamoa não foi investigada e é manifesta a ausência de dados estratigráficos sobre a localização do espólio artefactual recolhido (*Idem, ibid.*, p. 328-30);
- O claro incómodo dos autores face ao que consideram ser uma contradição entre o espólio “arcaizante” recolhido na câmara e corredor do monumento, a sua planta e alçados “evoluídos” com corredor já desenvolvido e

¹ Centro de Arqueologia (Uniarq) e Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo «Alexandre Herculano» da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 1600-214 LISBOA. smartinez@iol.pt.

² Mestre em Pré-História e Arqueologia pela F.L.U.L., Investigador Exterior do Instituto «Alexandre Herculano» de Estudos Regionais e do Municipalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. jmqtventura@yahoo.com

desnívelado em altura em relação à câmara e as próprias pinturas dos esteios (*Idem, ibid.*, p. 343-4), incómodo que os conhecimentos da época não permitiam resolver;

- Face à inexistência, à época, de uma cronometria radiocarbónica, é manifesta a dependência interpretativa dos autores em relação ao paradigma da “origem alentejana” do megalitismo da fachada atlântica peninsular e do faseamento para esta região proposto por Manuel Heleno. No entanto, esta dependência surge já aqui temperada por uma primeira percepção das complexidades e diversidades regionais do fenómeno, nomeadamente da importância de ter em consideração não só a “...*arquitectura tumular...*” mas também o “...*conjunto tipológico do espólio...*” (*Idem, ibid.*);
- Em suma, o texto constitui um bom exemplo dos escolhos produzidos pelos paradigmas da época em que é produzido, nomeadamente no que Victor Gonçalves designa como “...*a egípciomania que perpassa em cada parágrafo de interpretação...*” (GONÇALVES, 2004, p. 60), falta de dados cronométricos, linearismo das concepções evolutivas, etc.

O último texto aborda o projecto de “Protecção e conservação do dólmen pintado de Antelas” (CASTRO & FERREIRA, 1959). Como projecto visionário, certamente para a época, aponta soluções que, com os correspondentes aperfeiçoamentos técnicos, serão utilizadas décadas mais tarde, nomeadamente e por exemplo em Newgrange (Irlanda – cf. O’KELLY, 1982) e ainda em Alcalar (MORÁN & PARREIRA, 2004).

Passados mais de vinte anos sobre os estudos de terreno nas Beiras, O. Veiga Ferreira retoma, com M. Leitão, o tema do megalitismo no seu livro “*Portugal Pré-Histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*”, publicado em 1981. Aí o cariz polimorfo e não linear do fenómeno megalítico é assumido de forma mais vincada: “...*Foram feitas várias tentativas para sistematizar e reunir, num esquema compreensivo e uniforme, os monumentos megalíticos da Península Ibérica, mas todas sem êxito, visto não se tratar dum fenómeno de evolução unicêntrica ou unilinear...*” (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 157).

Contudo, face à falta de dados ainda existente à data da publicação, os problemas de cronometria, seriação e compreensão das componentes artefactuais persistem³ (*Idem*, p. 154-182), com grandes dificuldades entre a compreensão do que é expressão inicial, neolítica, do fenómeno e do que, por outro lado, é já parte de uma etapa calcolítica. Nomeadamente em relação à Beira Alta é manifesta a falta de evolução nos conhecimentos (*Idem*: 171-174). Por exemplo, o texto fundamental de Vera Leisner e Leonel Ribeiro sobre os dólmenes do Carapito (1968), conquanto conste da bibliografia tal como o respeitante ao monumento das Castenairas (1966), não parecem ter sido levados em conta. Quanto ao texto de Castro Nunes (1974) sobre a necrópole dos Moinhos de Vento – escavada em 1957-1958 e portanto em contemporaneidade com as intervenções de Veiga Ferreira em Antelas – apenas no ano de 1981, com a re-edição da Assembleia Distrital de Coimbra, terá maior divulgação.

Não nos espantemos, pois, que os nossos conhecimentos, passado que está meio século, sejam substancialmente diferentes dos resultantes do final dos anos cinquenta do século passado.

1. AS ORIGENS DA NEOLITIZAÇÃO: O NEOLÍTICO ANTIGO

Uma realidade que Veiga Ferreira já não pôde conhecer foi a do Neolítico Antigo do interior peninsular, uma vez que apenas nos finais da década de oitenta do século passado, nomeadamente na nossa área de estudo, esta realidade começou a tomar forma, se bem que algumas propostas anteriores existissem (DELIBES DE CASTRO, *et*

³ Relembremos que apenas os finais da década de oitenta verão, com a inauguração do Laboratório de Radiocarbono do hoje ITN, a multiplicação de dados cronométricos que transformará, inexoravelmente, a nossa compreensão das primitivas sociedades camponesas.

al. 1985). Até esse momento, apenas os primeiros construtores de megálitos pareciam aí introduzir os primórdios da agro-pecuária (MUNICIO, 1988: 324; SENNA-MARTINEZ, 1989, p. 657, 1994a).

Será apenas em 1994 que, com o primeiro Congresso Peninsular sobre o Neolítico (CARRETÉ NADAL, 1995), se assiste a uma mudança de atitude, com o pleno reconhecimento de vários arqueosítios no interior da Península, nomeadamente na Meseta Norte (cf. DELIBES DE CASTRO & ZAPATERO MAGDALENO, 1995). Pela mesma altura diversos sítios foram identificados no Nordeste Português (SANCHES, 1997; AUBRY, CARVALHO & ZILHÃO, 1997) e datados dos inícios do V milénio cal a.C. no nível 4 do abrigo do Buraco da Pala (SANCHES, 1997).

Na Beira Alta, nomeadamente na Plataforma do Mondego, a nossa área preferencial de estudo (Fig.1), a primeira identificação de um sítio arqueológico integrável naquela etapa crono-cultural ocorreu em 1991 com a descoberta do sítio das Carriceiras (SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, 1994; SENNA-MARTINEZ, 1994b e 2000a).

Em 1996/1997 surgem materiais atribuíveis ao Neolítico Antigo, remobilizados na mamoa da Orca 2 do Ameal (VENTURA, 1998a) um pequeno monumento da primeira fase regional do megalitismo atribuível ao Neolítico Médio. Esta situação contextual viria a repetir-se em 1997 na Orca 2 de Oliveira do Conde (VENTURA, 2000) e em 1998 na Orca do Folhadal (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999).

Uma primeira síntese em 1998 (VALERA, 1998) agrega aos anteriores, os materiais das primeiras ocupações dos abrigos do Buraco da Moura de S. Romão e Penedo da Penha 1, a que se segue a oficina de talhe da Quinta do Soito (VALERA, 2000).

Em 1998/1999 aparece a primeira cabana do Habitat do Folhadal (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999) e é identificada a ocupação do Neolítico Antigo no Outeiro dos Castelos de Beijós (SENNA-MARTINEZ, 2000b).

Em 2000 começa o estudo dos níveis do Neolítico Antigo da Quinta da Assentada (VALERA, 2002-2003), seguido pela descoberta em 2003 do sítio da Quinta das Rosas (VALERA, 2003).

Entretanto, os trabalhos desenvolvidos na área do Côa, no limite oriental da nossa área de estudo, permitirão verificar igualmente a existência de ocupações do Neolítico Antigo, o que vem permitir corroborar a inserção dos níveis neolíticos da Fraga d'Aia nesta etapa (CARVALHO, 1999 e 2003; JORGE, 1990; JORGE, *et al.*, 1988; JORGE, 1991; MONTEIRO-RODRIGUES, 2000 e 2002; SANCHES, 1997).

É a seguinte a distribuição da dezena de sítios conhecidos até agora na Plataforma do Mondego (**Fig. 1**): quatro sítios de habitat abertos (Folhadal, Outeiro dos Castelos de Beijós, Quinta da Assentada e Quinta das Rosas); duas oficinas de talhe (Carriceiras e Quinta do Soito⁴); duas ocupações em abrigo (Penedo da Penha 1 e Buraco da Moura de S. Romão); três situações estratigráficas de palimpsesto com materiais remobilizados em terras de mamoas pertencentes a monumentos megalíticos de primeira fase (Orca 2 do Ameal, Orca 2 de Oliveira do Conde e Orca do Folhadal).

O arqueosítio do Folhadal localiza-se numa rechã sita a meio da vertente norte do vale do Mondego, a uma altitude de cerca de 310 m, aproximadamente a um quilómetro a sulsueste da povoação de Folhadal, concelho de Nelas, Distrito de Viseu. As suas coordenadas hectométricas são 224.500/392.500 GAUSS, na Folha 200 da C.M.P. 1:25000. A menos de 500 m de distância e 100 m mais abaixo fica a “oficina de talhe” da Quinta do Soito.

O estudo deste arqueosítio foi iniciado, nas campanhas 1(1997) e 2(1998), pelo estudo do respectivo monumento megalítico. Já durante a segunda campanha, a decapagem superficial de uma área de seis metros quadrados na periferia sudeste da mamoa revelou que as terras argilosas castanho amarelado claras (10YR6/4), correspondentes ao topo do “solo antigo” subjacente às estruturas do monumento [UE.3], se apresentavam aí mais compactadas e pareciam corresponder a um “piso de habitat” de que era visível igualmente um primeiro “buraco de poste”.

⁴ Esta provavelmente relacionada com o habitat do Folhadal do qual, ao contrário de António Valera (2002-2003) pensamos constitua um outro *locus*.

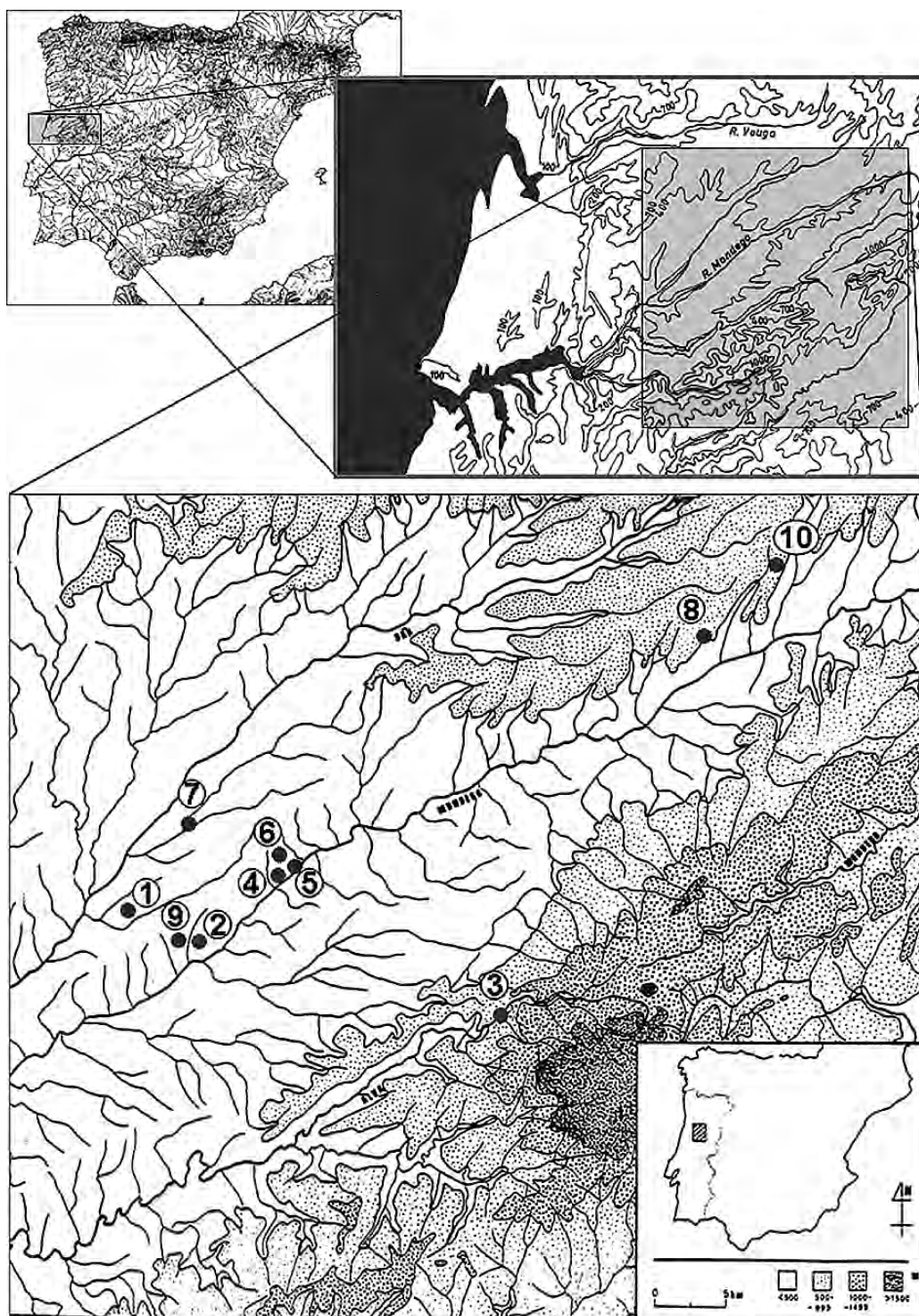


Fig. 1 – Localização da área de estudo na Península Ibérica e dos sítios do Neolítico Antigo na Plataforma do Mondego (cf. VALE-RA, 2003, modificado): 1 – Carriceiras; 2 – Mamoa da Orca 2 do Ameal; 3 – Buraco da Moura de S. Romão; 4 – Penedo da Pena; 5 – Quinta do Soito; 6 – Habitat do Folhadal; 7 – Outeiro dos Castelos de Beijós; 8 – Quinta da Assentada; 9 – Mamoa da Orca 2 de Oliveira do Conde; 10 – Quinta das Rosas.

Nas campanhas seguintes (1999-2001), o alargamento da área intervencionada, exterior aos limites da mamoa, a toda a periferia este do monumento megalítico⁵ (Fig. 2), veio confirmar a existência de um habitat anterior à construção daquele monumento, materializado num conjunto de cinco “cabanas”.

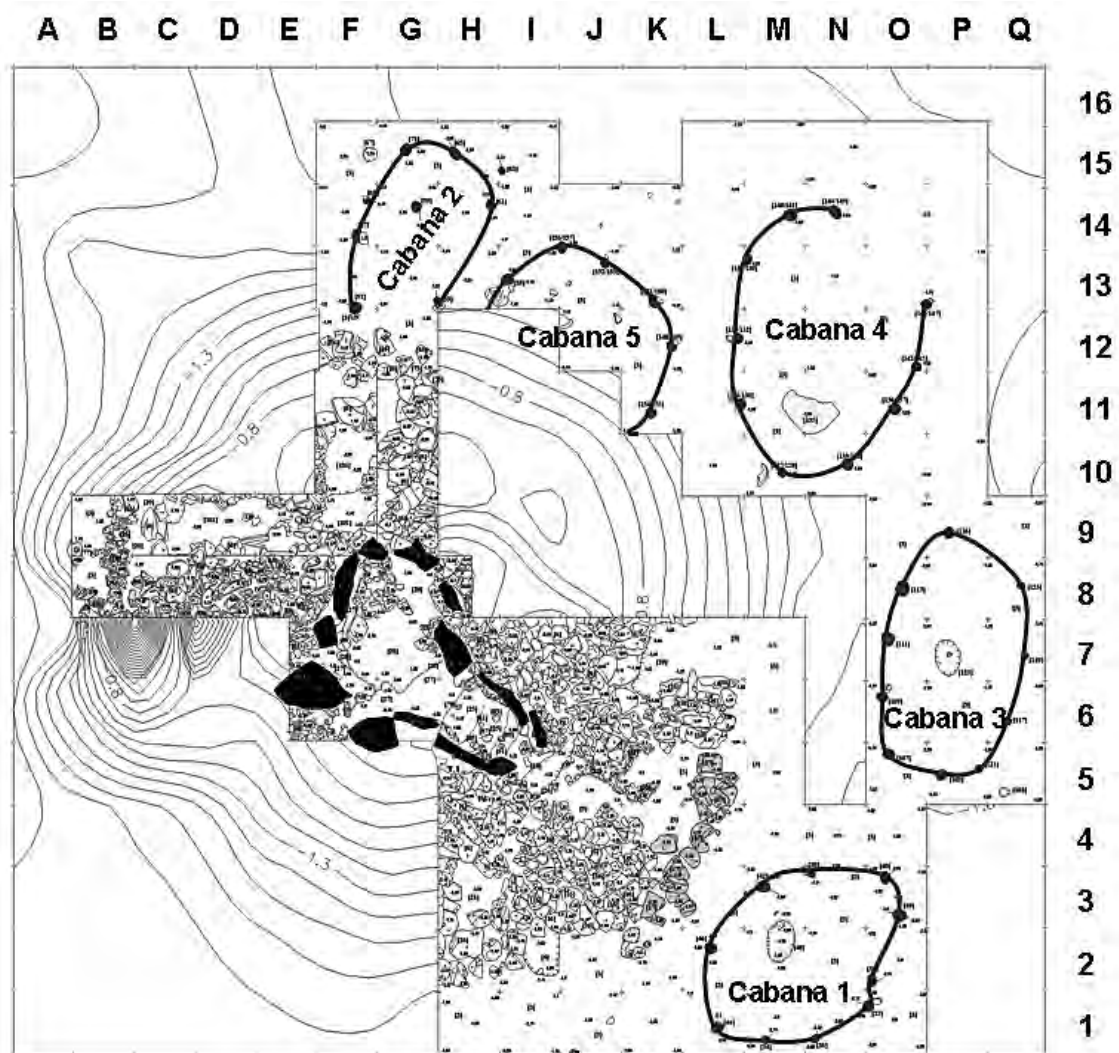


Fig. 2 – Planta final de escavação do “habitat” do Neolítico Antigo do Folhadal.

A cada uma destas estruturas correspondem buracos de poste dispostos de forma a delimitar “pisos” ovais com cerca de 4 m por 3 m, orientados de NNE a SSW. Delas conhecemos a totalidade do perímetro nos casos das cabanas 1 e 3 (dez buracos de poste) e a quase da totalidade na cabana 4. Nestes três casos conhecemos igualmente no seu interior a base de estruturas negativas ovais cuja argila se apresenta cozida e que, também por alguns restos de termoclastos que continham, interpretamos como lareiras.

⁵ Numa área total de 55 m².

Das cabanas 2 e 5 apenas conhecemos cerca de um terço da área respectiva, pois são sobrepostas pela estrutura da mamoa do monumento megalítico do Folhadal, demonstrando, inequivocamente, a sua anterioridade estratigráfica em relação a este (Fig. 3)⁶.



Fig. 3 – “Habitat” do Neolítico Antigo do Folhadal. O piso da Cabana 5 “desaparecendo” sob a mamoa do monumento megalítico.

Pensamos que os elementos de indústria lítica remobilizados em terras da mamoa da Orca do Folhadal, em tudo coerentes com os encontrados nas escavação das cabanas, bem como a pequena espessura conservada dos “pisos” respectivos⁷, resultam de as terras utilizadas na construção da mamoa provirem, como aliás seria de esperar, dos níveis do povoado subjacente e circundante que, deste modo, apresentam as estruturas das cabanas conservadas apenas na sua parte inferior.

Os materiais, predominantemente indústria lítica, provenientes dos cinco pisos de cabana, enquadram-se bem nos conhecidos para os outros contextos regionais do Neolítico Antigo (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008: Quadro I e Gráfico I).

De facto, caracterizam o Neolítico Antigo regional indústrias líticas com alguma variabilidade mas predominantemente sobre suportes lamelares e em que embora estejam presentes rochas siliciosas de tipo sílex⁸, que representam mais de 50% dos conjuntos do Buraco da Moura de São Romão, Complexo 1 do Penedo da Penha e Orca 2 do Ameal, apresentam contudo percentagens significativas de quartzo, o qual predomina com frequências muito elevadas nos restantes conjuntos (*Ibid*, Gráfico 2). O estudo dos módulos de debitação de produtos alongados nos sítios de que existe informação disponível – Carriceiras, Folhadal e conjuntos remobilizados nas mamoas das

⁶ Desfazendo deste modo as dúvidas a este respeito levantadas por António Valera (2000, p. 15-16).

⁷ Estimamos que os buracos de poste e lareiras estejam reduzidos em altura a cerca de um terço das suas dimensões reais.

⁸ Apenas disponíveis regionalmente em nódulos de muito pequenas dimensões e incapazes de sustentar a produção de suportes alongados de maiores dimensões.

Orcas 2 do Ameal e 2 de Oliveira do Conde⁹ – aponta para uma debitagem de cariz predominantemente lamelar (larguras dos suportes inferiores a 11 mm – cf. *op. cit.*, Gráfico 3).

Comparando estes contextos da Beira Alta com os contextos estremenhos da Gruta do Almonda, Pena de Água (CARVALHO, 1998) e S. Pedro de Canaferrim (SIMÕES, 1999) vemos reforçada a hipótese que vimos referindo desde o início do estudo do sítio das Carriceiras, ou seja, que existe grande semelhança entre os conjuntos líticos das duas áreas.

A olaria apresenta características que se integram nas tradições do Neolítico Antigo dito “evoluído” quer da área Estremenha Atlântica quer da Andaluzia (VALERA, 1998), permitindo colocar a questão de uma eventual dualidade de origens para este mundo cultural.

O povoamento associado ao Neolítico Antigo da Plataforma do Mondego parece escolher locais abertos, sem condições especiais de controle da paisagem, localizados preferencialmente em vertentes suaves ou rechãs com boa exposição a nascente ou, ainda, em abrigos sob penedos graníticos. No caso do Complexo 1 do Penedo da Penha, também o abrigo abre a nascente.

Um conjunto de sondagens efectuadas nas décadas de oitenta e noventa nas turfeiras da Serra da Estrela (cf. KNAAP & LEEUWEN, 1994) permite hoje, através do respectivo estudo palinológico, ler a evolução holocénica do coberto vegetal regional como a sucessão de uma série de episódios de degradação, nomeadamente em altitude, cuja causa mais plausível parece ter sido a intervenção antrópica através do pastoreio (revelada nomeadamente por indícios de desflorestações por incêndio sem consequente regeneração integral da floresta).

Contrariamente ao que chegámos a supor (SENNA-MARTINEZ, 1995/1996), uma cronologia do quinto milénio a.C. para um primeiro episódio de desflorestação, resultando em “...*general forest lightening, but with few and scattered clearings...*” (KNAAP & JANSSEN, 1991), este correlaciona-se bem com a nova evidência disponível para o Neolítico Antigo regional. Relação cronológica que é possível, igualmente, estabelecer com as cronometrias radiocarbónicas disponíveis para esta etapa, nomeadamente: para as ocupações da Quinta da Assentada (Valera, 2002-2003), Buraco da Pala, Fraga d’Aia e Prazo (SANCHES, 1997; MONTEIRO-RODRIGUES, 2000 e 2002); bem como para as correspondentes às análises palinológicas da Serra da Freita (CORDEIRO, 1992) e Galiza (FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ & RAMIL REGO, 1994); e do mesmo modo para os conjuntos de datas da Estremadura (SIMÕES, 1999), sul de Portugal (SIMÕES, 1999 e DINIZ, 2001) e Meseta Norte (ROJO GUERRA & ESTREMERÁ PORTELA, 2000, 2003).

Apesar de não dispormos de evidências arqueográficas directas que nos permitam ser conclusivos, a criação da “paisagem neolítica” na nossa área de estudo não parece traduzir uma ocupação agrícola do espaço, dadas as características dos solos e o quadro hoje disponível para realidades posteriores, a partir do Neolítico Final (SENNA-MARTINEZ, 1995/1996; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2000b).

A manutenção da floresta densa de carvalhos nas áreas baixas sem evidência de desbaste (cf. KNAAP & LEEUWEN, 1994), a relativa ausência de elementos de moagem nos sítios de habitat conhecidos e a fraca representação (contrastando com momentos subsequentes) de instrumentos cortantes em pedra polida, são elementos a favor da fraca componente agrícola nas economias regionais deste período.

2. O NEOLÍTICO MÉDIO, O PRIMEIRO MEGALITISMO

Estamos em crer que, durante o quinto milénio a.C., a pressão humana sobre os espaços da Beira Alta cresceu progressivamente. Assim, próximo da charneira quinto/quarto milénios a.C. (cf. Quadro 1), as linhas de cumeeada

⁹ O pequeno número de peças sobre suportes alongados recuperado no Outeiro dos Castelos de Beijós não permite conclusões estatísticas.

e os interflúvios entre os cursos de água vão começar a povoar-se dos primeiros marcadores artificiais de um espaço crescentemente humanizado. Vão assim nascer as primeiras necrópoles megalíticas.

Quadro 1. Datas de Radiocarbono para a 1.^a Fase do Megalitismo¹⁰ da Beira Alta.

Sítio/Contexto/Amostra	Refer. ^a	Data BP	Data cal a.C. a 2 σ ¹¹
Dólmen 1 do Carapito (carvão numa fossa de esteio)	OxA – 3733	5125 ± 70	4142-3712
	TO – 3336	5120 ± 40	4031-3798
Soma prob. OxA-3733/TO-3336			4044-3774
Dólmen 1 do Carapito (Fogueira no chão da câmara)	GrN – 5110	4850 ± 40	3708-3527
Dólmen de Antelas (carvão, corredor intratumular)	OxA – 5496	5330 ± 60	4328-3998
	OxA – 5497	5295 ± 60	4315-3981
Soma prob. OxA-5496/5497			4322-3988
Dólmen de Antelas (carvão,corr.intrat.)	OxA – 5498	5070 ± 65	3979-3708
Dólmen de Antelas (pigmento negro)	OxA – 5433	4655 ± 60	3634-3337 ¹²
Dólmen de Areita (madeira carbonizada sob o chão da câmara)	CSIC – 1326	5629 ± 38	4535-4366
	CSIC – 1327	5699 ± 31	4650-4457
Soma prob. CSIC-1326/1327			4601-4365

A utilização de áreas formais de deposição dos mortos correlaciona-se normalmente com estratégias de utilização do espaço com fixação sazonal ou permanente (CHAPMAN, 1981, 80). Deste modo, os mais antigos monumentos megalíticos da Plataforma do Mondego, quase sempre de dimensões modestas, constituem, a um tempo, uma primeira monumentalização arquitectural funerária e verdadeiras âncoras na paisagem para populações que, por outro lado, mantêm uma grande mobilidade sazonal.

A emergência de uma nova etapa neolítica – o Neolítico Médio regional – e a correspondente antropização do espaço associada à emergência do fenómeno megalítico parecem estar, assim, associadas à legitimação da ocupação das áreas de invernada (Outono/Inverno). Tal poderá ter passado por uma recriação da paisagem através do(s) acto(s) fundador(es) – e subsequentemente refundadores – da(s) necrópole(s), garantindo simbolicamente ao grupo o usufruto do território envolvente. O que concorre no sentido do que consideramos ser regionalmente uma das transformações fundamentais do Neolítico Médio: a passagem dos “territórios de utilização” a “territórios de ocupação” (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999b).

Neste sentido concorrem também os dados obtidos da escavação dos monumentos do Folhadal, 2 de Oliveira do Conde, Antelas e Areita, ao revelarem a existência de estruturas frontais complexas, incluindo átrios e corre-

¹⁰ Apenas três monumentos da Beira Alta forneceram datas com alguma utilidade para datar a primeira etapa do megalitismo regional: Carapito 1 (CRUZ & VILAÇA, 1994), Areita (GOMES, *et al*, 1998) e Antelas (CRUZ, 1995). Das datas disponíveis para o Carapito 1, OxA – 3733 e TO – 3336 reportam-se certamente a um *terminus post quem*, tal como as duas disponíveis para o monumento de Areita. Quanto à célebre data associada à fogueira no chão da câmara do Carapito 1, em torno à qual foram depositados vários artefactos – três geométricos (1 triângulo e 2 trapézios), duas enxós, um colar com 320 contas discoidais em xisto e ainda seis contas em rocha verde de maiores dimensões bem como uma em grauvaque – marca um momento de utilização do monumento claramente dentro da primeira metade do 4º milénio a.C. As datas disponíveis para o corredor intratumular de Antelas situam a construção do mesmo em torno da charneira quinto/quarto milénios a.C., com a distribuição de probabilidades para a soma de OxA-5496 e OxA-5497 a apontar para o intervalo 4266-3988 cal a.C.. A data OxA-5433 obtida para uma amostra de pigmento negro de uma das pinturas de Antelas, além de constituir a primeira datação directa, para o território ora português, de um contexto de pintura megalítica, situa um eventual repinte em meados do 4º milénio, talvez mesmo já dentro do terceiro quartel do mesmo.

¹¹ Calibradas de acordo com o Programa Calib Rev 5.0.1 (STUIVER, M. & REIMER, P.J., 1993, *Radiocarbon*, 35, 215-230).

¹² Para 93% de probabilidade.

dores intratumulares, que possibilitam interpretá-las como primeiros “espaços cénicos” ou “representacionais”, os quais fariam deste tipo de monumentos “templos”, no sentido pleno do termo, com espaços fechados e de acesso reservado (câmara e corredor) e espaços abertos (átrios), para um público alargado (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999a).

Do ponto de vista arquitectural e associados a esta primeira fase do megalitismo regional, conhecemos: monumentos de câmara poligonal sem corredor (Carapito 1, Orcas 1 e 2 do Ameal, por exemplo); monumentos de corredor curto (Dólmen de Antelas, Carapito 2 e 3, Dólmen de Areita e Orca do Folhadal) e, em alguns casos, quase que simbólico (Orca de Pramelas e Orca de Santo Tisco).

Quanto às mamoaas (nos casos em que as mesmas foram alvo de escavação), estas revelam uma grande homogeneidade nas soluções encontradas para sua edificação: aos esteios, normalmente cravados em fossas abertas na rocha da base e calçados com pedras de médias dimensões, surge adossado, pelo exterior, um contraforte em pedra vã no qual, em alguns casos, é possível distinguir diferentes etapas construtivas; um enchimento (ou anel) de terras envolve o contraforte e é sustido por um anel exterior de pedra. Deste anel exterior parte uma carapaça de pedras que recobria a mamoa. A interrupção da mamoa na área frontal do monumento pode dar origem, como vimos, a um corredor intratumular, e a um espaço de átrio empedrado.

Deste modo, também para a Beira Alta, e à semelhança com o que acontece noutras áreas regionais peninsulares, as soluções construtivas apresentam, desde cedo, um marcado polimorfismo nas arquitecturas.

O cálculo das “massas tumulares médias”, efectuado para seis monumentos da Plataforma do Mondego (VENTURA, 1999b, Quadro I), aponta para um valor médio de $71 \pm 10.8 \text{ m}^3$, o que equivale a uma média de $223,5 \pm 44$ horas de trabalho. Por outro lado, o mesmo cálculo efectuado para o peso da laje de maiores dimensões da estrutura megalítica (normalmente a tampa da câmara) forneceu um valor médio de $1,35 \pm 0.25 \text{ t}$, implicando a utilização de um número médio mínimo de 8 ± 1.5 indivíduos para o seu arraste com roletes (*Idem*, Quadro II). Estes valores indicam que a respectiva construção estaria ao alcance de uma comunidade familiar alargada ou de uma pequena aldeia.

O “pacote” artefactual associado às deposições nestes primeiros monumentos revela, a um tempo, uma grande similitude com etapas análogas de outros grupos regionais peninsulares e também o carácter restrito dos tipos artefactuais que são, então, considerados adequados à deposição com os mortos (**Fig. 4**), os quais constituem apenas uma fracção dos utilizados pelos vivos. É clara a valorização dos geométricos, lâminas sem retoque e instrumentos cortantes em pedra polida (maioritariamente lâminas de enxó) em detrimento da olaria, aqui totalmente ausente¹³. Tal ausência pode ser um indicador de predominância do elemento masculino da sociedade, o que seria consentâneo com uma economia em que, aparentemente, caça e pastorícia surgem como elementos fundamentais. Tal pode ainda ser suportado pela reflexão de que o próprio talhe e pelo menos uma das funcionalidades possíveis dos geométricos – como ponta ou armadura de projectil – se podem ligar directamente ao domínio das actividades masculinas.

O número relativamente reduzido dos elementos de espólio encontrados nos monumentos do Neolítico Médio, sobretudo se tivermos em consideração o sucedido a seguir, no Neolítico Final, pode querer dizer que nem todos os elementos da comunidade aí encontraram a última morada.

Nos elementos de indústria lítica talhada, os módulos de talhe identificados para os suportes alongados situam-se na transição dos claramente lamelares do Neolítico Antigo regional para os que utilizam as grandes lâminas como suporte predominante no Neolítico Final (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008, Gráficos 4 e 5). Importa contudo notar que as dimensões dos produtos alongados utilizados e a predominância absoluta do sílex como matéria-prima

¹³ O que, naturalmente, não implica o seu desconhecimento ou não-utilização em contexto doméstico, aliás, na continuidade do verificado no Neolítico Antigo.

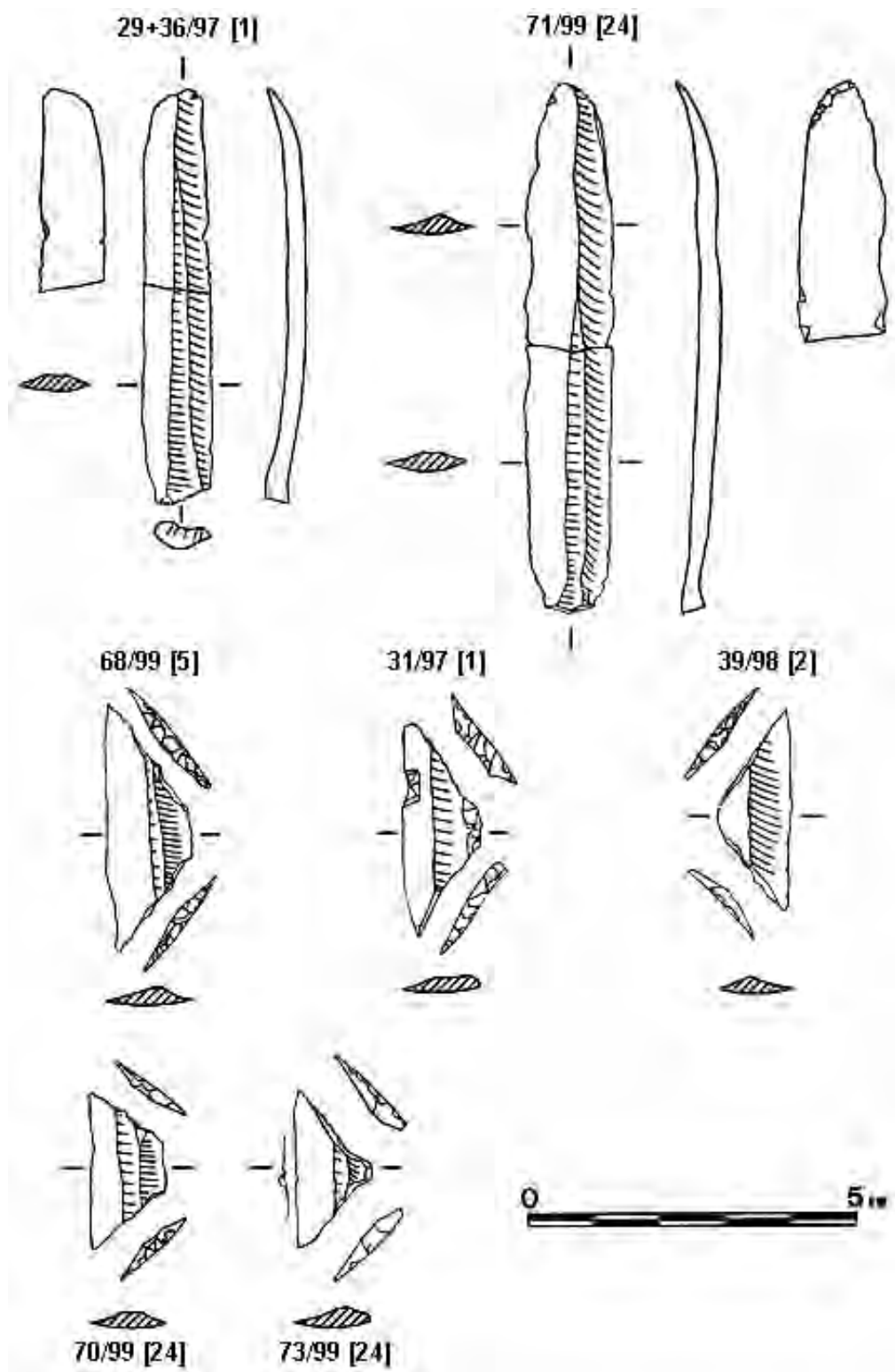


Fig. 4 - Orca do Folhadal (Nelas, Viseu). Materiais recolhidos na câmara.

são indicadores no sentido de uma origem desta matéria-prima estranha à nossa área regional de estudo onde, como vimos atrás, estão ausentes nódulos de dimensões suficientes para a sua produção¹⁴.

Ainda durante a primeira fase do megalitismo regional, eventualmente já muito próximo das primeiras construções dos grandes monumentos da segunda fase, adicionam-se aos elementos artefactuais anteriores as primeiras pontas de seta (de bases triangulares, simples ou com aletas, rectas e bicôncavas) e as primeiras foices e raspadores sobre lâmina (casos da Orca de Santo Tisco e da Anta da Mondegã).

Aceitando que a emergência de áreas formais de deposição dos mortos se correlaciona frequentemente com períodos de desequilíbrio entre a sociedade e os recursos críticos disponíveis (CHAPMAN, 1981, p. 80), pensamos que, na Plataforma do Mondego, senão na generalidade da Beira-Alta, estes recursos estariam relacionados com os respectivos territórios de invernia, uma vez que, por razões óbvias e numa perspectiva de longa duração histórica, o Inverno constitui a “época baixa” regional em termos de acessibilidade de recursos alimentares.

Não parece difícil admitir que, entre o “pacote neolítico” introduzido regionalmente na etapa precedente, se encontrariam os ovicaprinos, como os dados disponíveis para os sítios do Prazo (MONTEIRO RODRIGUES, 2002) e de Quebradas (CARVALHO, 1999) revelam, e o impacto antrópico na Serra da Estrela corrobora. Parece assim lógico que a uma Primavera e Verão passados nos pastos altos sucederia, para estas populações, a invernia nas terras baixas. Dado que, como referimos atrás, a componente agrícola da economia, a existir, não ultrapassaria uma pequena horticultura, além de forragens, os recursos essenciais à invernia passariam necessariamente pela caça e recolecção. Nesta última seriam cruciais os chamados frutos de Inverno, nomeadamente a bolota.

Estamos assim em crer que o padrão económico-alimentar de recolecção e torrefacção intensivas de bolota, detectado regionalmente em termos arqueográficos desde o Neolítico Final até ao Bronze Final (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2000b; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000), pode ser já aplicável ao Neolítico Médio. A bolota poderia então constituir um dos recursos críticos por detrás da crescente apropriação territorial do espaço revelada pela implantação das necrópoles megalíticas.

O surgimento frequente, em monumentos desta etapa, de elementos de mós manuais fragmentadas e incorporadas nas estruturas megalíticas ou até, como no caso da Orca de Pramelas (SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1989), depositadas como oferenda, é inteiramente consentâneo com esta perspectiva.

Acresce ainda que todos os monumentos megalíticos desta primeira fase, até à data analisados na nossa área de estudo, possuem câmaras abertas e orientadas segundo uma posição do eixo dos monumentos apontando a localizações do nascimento de sol sobre o horizonte visual em torno ao solstício de Inverno (HOSKIN, *et al*, 1998, p. S62-S65). Tal indicia que a respectiva construção se fez durante os meses correspondentes (Setembro a Março), o que, do ponto de vista do padrão sazonal das actividades corresponderia à utilização habitacional de espaços nas terras baixas, que recentes observações parecem corroborar (SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997).

Dentro desta linha de raciocínio, os elementos causais predominantes do processo de transição entre o Neolítico Antigo e Médio, na Plataforma do Mondego bem como na Beira Alta em geral, seriam, por um lado o crescimento demográfico, por outro a necessidade de assegurar o direito de usufruto de recursos cruciais para a invernia nas terras baixas, tendo como consequência o nascimento regional do megalitismo.

Numa primeira análise do possível significado simbólico do megalitismo funerário da Beira Alta e uma vez já ressaltada a emergência, desde a sua primeira etapa (Neolítico Médio), de “espaços cénicos frontais”, é na sua orientação privilegiada em relação ao orto solar (SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997), bem como sobre a iconografia aposta aos esteios das respectivas câmaras e corredores, que queremos agora reflectir.

¹⁴ Dadas as condicionantes geológicas das envolventes da Plataforma do Mondego, a fonte mais próxima localizar-se-ia na orla litoral atlântica (Serras de Sicó ou da Boa Viagem).

A iconografia constitui uma das poucas “janelas abertas” de que dispomos para o “mundo simbólico”, pelo que nos parece fundamental referir que é no Neolítico Médio, de acordo com os dados fornecidos pelos monumentos 1 do Carapito, de Areita e Antelas (LEISNER & RIBEIRO, 1968; CRUZ & VILAÇA, 1990; GOMES, *et al*, 1998; CRUZ, 1995b), que encontramos as primeiras manifestações da chamada “arte megalítica” da Beira Alta (TWOWHIG, 1981).

Já repetidamente referimos (cf. por exemplo: SENNA-MARTINEZ, 1996) que as várias expressões do fenómeno megalítico, enquanto espaço funerário construído, consistem, em última instância, na reprodução artificial de um espaço de gruta.

A Terra, percebida como ventre donde a vida sai e onde reentra na morte, constitui um dos elementos simbólicos mais antigos conhecidos (ELIADE, 1970). Sendo, a um tempo, elemento fundamental nos cultos de fertilidade/fecundidade das sociedades camponesas pré-históricas e nas práticas funerárias e crenças a elas associadas, a Terra, entidade feminina por excelência, constitui um dos elementos do par primordial de todos os sistemas religiosos arcaicos em que o outro é o céu, frequentemente representado pelo sol. Dia e noite, vida e morte, encontram-se num todo feito simultaneamente de oposição e complementaridade, um a imagem de espelho do outro.

Voltemos agora ao pretexto inicial deste artigo. Na publicação inicial de Antelas (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957b), os seus autores referem-se às pinturas do esteio de cabeceira do monumento (**Fig. 5**) como representando, ao centro do seu registo superior, “...dois ídolos, ou duas representações esquemáticas da figura humana, muito semelhantes às placas de xisto ornamentadas, geralmente designadas por «ídolos-placas»...” (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957, p. 331). Da revisão sobre o significado destas duas figuras (recentemente produzida por Victor Gonçalves, 2004, p. 60-61) e das duas hipóteses aí formuladas¹⁵ inclinamo-nos francamente para a primeira.

De facto, a sobreposição/associação do “pente de cardar” à figura secundária (pelas suas dimensões), bem como o pormenor iconográfico dos “olhos” poderão remeter para simbólicas posteriores nas placas de xisto meridionais, consensualmente assumidas como femininas (GONÇALVES, 2004, p. 57). Contudo, interessa-nos aqui discutir mais em detalhe o significado iconográfico/simbólico da segunda figura, caso a interpretemos como masculina.

Antelas constitui caso único de entre os dólmenes pintados da Beira Alta, nomeadamente para o Neolítico Médio, em que o esteio de cabeceira, no mais profundo da câmara e directamente iluminado, ao amanhecer e pela luz solar, em dois curtos períodos do ano, tem este tipo de iconografia¹⁶.

Na Orca dos Juncas (já do Neolítico Final) o elemento central é claramente uma “pele esticada” (*skin skeuomorph* – cf. TWOWHIG, 1981, Fig.46), encimada por um cervídeo à direita do observador e um motivo rami-forme directamente acima, sendo o esteio limitado à esquerda pelo que parece ser uma linha vertical de “dentes de lobo” (**Fig. 6**), motivo este que, associado a linhas onduladas é comum em Antelas e noutros monumentos.

Na Arquinha da Moura, também integrável no Neolítico Final (Cunha, 1995), a situação é mais complexa. Numa composição em que figuras humanas e animais (cervídeos e caprídeos?) de pequenas dimensões envolvem uma complexa figura central (**Fig. 7**). Esta parece ser constituída por uma “pele esticada” encimada e envolvida pelos membros inferiores de outra figura, vagamente antropomórfica, cujo corpo inclui, dentro das suas linhas limite, dois círculos concêntricos na parte abdominal encimados, no torso, por um traço grosso vertical donde partem linhas laterais (figurando o externo e as costelas). A área onde estariam a cabeça e o braço do lado esquerdo apresenta-se apagada, enquanto o do lado direito se entrelaça com outras figurações.

¹⁵ “...Parece-me ainda claro estarmos perante uma situação com duas interpretações possíveis. Num primeiro cenário, teríamos um «casal divino», no que poderia ser a representação de uma hierogamia. E, neste caso, seria das raríssimas situações em que tal poderia ser pressentido. Num segundo cenário, tratar-se-ia de duas figuras femininas, uma dominante (Mãe?), outra secundária (filha?), à semelhança do que acontece em alguns hipogeus franceses, onde duas figuras femininas de diferentes dimensões ladeiam a entrada do espaço mais sagrado do monumento...” (*op. cit.* p. 61)

¹⁶ Não fora o mau estado geral de conservação, já atestado por G. Leisner (1934, Taff. 13), um outro candidato poderia ser o esteio de cabeceira da Pedralta, em Côta, a norte de Viseu.



a



Fig. 5 - Dólmen de Antelas:

a - A câmara aquando da reescavação por D. Cruz, com as pinturas do esteio de cabeceira visíveis.

b - Decalque das pinturas do esteio de cabeceira (seg. CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957).



Fig. 6 - Orca dos Juncais (Vila Nova de Paiva, Viseu). Decalque das pinturas do esteio de cabeceira (seg. TWOHIG, 1981, Fig. 46, modificado).

Fig. 7 - Arquinha da Moura (Tondela, Viseu). Decalque das pinturas do esteio de cabeceira (seg. CUNHA, 1995, Est. X, modificada).



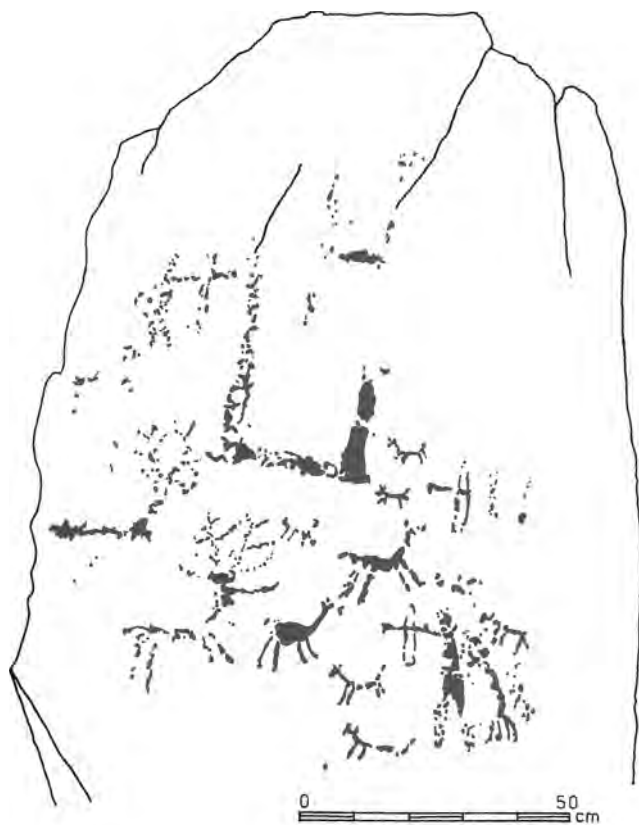


Fig. 8 – Orca dos Juncais (Vila Nova de Paiva, Viseu). Decalque das pinturas do segundo esteio do lado esquerdo da câmara (se. TWOHIG, 1981, Fig. 45, modificado).



Fig. 9 – Orca dos Juncais (Vila Nova de Paiva, Viseu). O “antropomorfo” central da “cena de caça” da Fig. 8 reconstruído.



Fig. 10 – Dólmen de Antelas. Decalque das pinturas do esteio de acompanhamento do lado direito da cabeceira (seg. CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957, Est. V).

Outra cena em que figuras humanas e animais interagem é a célebre “cena de caça” no esteio lateral esquerdo da Orca dos Juncais (**Fig. 8**). Aqui também uma figura central sub-rectangular pode ser reconstruída de forma a que se assemelha muito ao “antropomorfo masculino” de Antelas (**Fig. 9**).

Outros motivos desde cedo parte integrante da arte megalítica da Beira Alta – a julgar pelas representações presentes, por exemplo, num esteio do Dólmen 1 do Carapito (TWOHIG, 1981.; CRUZ & VILAÇA, 1990b), em quase todos os da câmara do Dólmen de Antelas (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957, Ests. IV, V, VII, VIII, IX e X) e noutra da Orca de Santo Tisco (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1994) – são os motivos solares bem como as linhas ondeadas a eles associados.

A oposição/complementaridade entre estes dois tipos de motivos, quer interpretemos os segundos como serpentiformes ou significando água¹⁷, reflecte a oposição/complementaridade entre os princípios masculino e feminino, de que a presença de um sol oposto a um crescente (**Fig. 10**), no esteio de acompanhamento do lado direito da cabeceira do monumento de Antelas (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957, Est.V), constitui outra manifestação possível.

Das várias tensões e equilíbrios que intuímos perpassarem por este esta simbólica e pelo sistema de crenças subjacente – que aqui mais não pode-

mos fazer do que aflorar – cremos que estas oposições/complementaridades podem reflectir as características particulares deste Neolítico Beirão em que mais do que sociedades camponesas plenas, com uma componente agrícola estável, teremos um mundo em que caça e pastorícia se associam a recolecção, continuando dinâmicas anteriores, sem que a imagem da “grande deusa-mãe” se imponha plenamente numa sociedade em que valores e representações andriarcais permanecem estruturantes.

Os monumentos funerários megalíticos da Beira Alta estão generalizadamente implantados nas linhas de festo ou nas vertentes viradas a sul e sul-oriente. Na plataforma do Mondego os monumentos estudados têm como horizonte a Serra da Estrela, acidente geográfico que, ao longo da história regional, desempenha um papel organizador da paisagem e da vida das gentes do Mondego interior. A partir do Neolítico Médio, esta apresentar-se-ia então como uma área importante do espaço ocupado por estas comunidades, a um tempo fonte de recursos e local de deslocação sazonal obrigatória (fundamental pelos pastos de Primavera/Verão que oferecia) e “horizonte geográfico de referência”, dominando do alto as terras da plataforma do Mondego, sobre o qual as diferentes posições ocupadas pelo sol nascente ao longo do ano serviriam eventualmente de referência à organização do calendário sazonal de actividades.

Pensamos desde há algum tempo que “...os monumentos megalíticos revestiriam um carácter multifuncional e organizador da vida destas comunidades que em muito ultrapassaria o carácter de simples área formal de deposição dos mortos...” (SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997.: 671).

Para a Beira Alta, os dados emergentes sobre a construção das “paisagens neolíticas” parecem consagrar a ideia que, de facto, as necrópoles megalíticas se apresentam como as estruturas fundamentais da sua organização espacial, porque o são da respectiva organização simbólica e, como tal, são garantia de direitos de apropriação de recursos fundamentais.

¹⁷ Duas expressões de sentido feminino, ctónico e de provável associação ao mundo das sombras e dos mortos.

3. O NEOLÍTICO FINAL: PASTORES, RECOLECTORES E CONSTRUTORES DE MEGÁLITOS

Em meados do IV milénio a.C. transformações importantes afectam o megalitismo da Beira Alta. Em primeiro lugar, as técnicas construtivas onde, não obstante a existência de soluções algo diferenciadas, parecem predominar (constituindo uma última fase regional de construções de “dimensão megalítica”) os grandes monumentos de corredor desenvolvido e diferenciado em altura em relação à câmara, agora de estrutura poligonal de nove esteios (raramente sete) e com estruturas complexas na área frontal, com abandono/condenação de vários monumentos de menores dimensões e construção menos complexa da fase antecedente (por exemplo a Orca do Folhadal, cf. SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999a).

Outro conjunto de transformações tem a ver com novos elementos artefactuais que acompanham as deposições funerárias e que encontram correspondência directa nos materiais provenientes dos vários sítios de habitat conhecidos e correlacionáveis com esta fase, os quais começaram a ser identificados a partir de 1987.

Dentro de cada necrópole, os grandes monumentos são raros, surgindo normalmente isolados do restante conjunto e destacados na paisagem, agora monumentalizada (JORGE, 1989a; CRUZ, 1998, 1993; CRIADO, 1995;

Quadro 2. Datas de Radiocarbono para a 2.ª Fase do Megalitismo da Beira Alta

Sítio/Contexto/Amostra	Refer ^a	Data BP	Data cal a.C, a 2 σ^{18}
Dólmen 1 dos Moinhos de Vento (carvões da sepultura periférica)	ICEN-196	4720 ± 40	3634-3374
Orca das Castenairas – base da câmara	GrN-4924	5060 ± 50	3964-3760
Orca das Castenairas – câmara	GrN-4925	4610 ± 50	3622-3109
Orca das Castenairas – corredor intratumular	OxA-7433	4590 ± 55	3517-3101
	GrA-9307	4540 ± 50	3491-3038
	OxA-7432	4510 ± 45	3362-3031
	OxA-7434	4470 ± 45	3352-3012
	GrA-9308	4440 ± 50	3336-2924
soma de probabilidades corr. intratumular			3497-3009
Orca das Castenairas – átrio	GrA-9312	4520 ± 50	3366-3088
	GrA-9313	4380 ± 50	3319-2895
	OxA-7435	4365 ± 50	3309-2889
soma de probabilidades – átrio			3339-2903
Orca das Castenairas – átrio – tardio	OxA-7436	3365 ± 45	1751-1526
	GrA-9314	3250 ± 50	1635-1421
soma de probabilidades – átrio – tardio			1740-1438
Lameira de Cima 1 – sob lageado	OxA-4084	4990 ± 80	3953-3650
Lameira de Cima 2 – corr.intratumular sob estrutura de condenação	GrN-21353	4990 ± 40	3940-3661
	CSIC-1113	4961 ± 27	3792-3661
	CSIC-1114	4999 ± 29	3937-3702
soma de probabilidades – corr. intratumular sob estrutura de condenação			3934-3660
Habitat do Ameal-VI – Cabana 3 (bolota carbonizada)	ICEN-908	4590 ± 45	3514-3104
	ICEN-909	4545 ± 45	3371-3097
soma de probabilidades – AM6H-C3			3499-3097
Habitat do Ameal-VI – Cabana 1 (carvão)	ICEN-345	3980 ± 110	2872-2201
Habitat do Ameal-VI – Cabana 1 (AMS s/bolota carbonizada)	OxA-5436	4155 ± 55	2885-2617
Habitat do Murganho 2 – Cabana 1	ICEN-905	4330 ± 45	3088-2883

¹⁸ Calibradas de acordo com o Programa Calib Rev 5.0.1 (STUIVER, M., & REIMER, P.J., 1993, *Radiocarbon*, 35, 215-230).

VENTURA, 1998a), quer através da própria localização do monumento em espaços de maior visibilidade, quer através da criação de estruturas complexas na parte frontal dos monumentos (átrios e corredores intratumulares) que, limitando em parte o acesso ao interior, permitiriam uma maior assistência e até maior visualização directa de parte dos rituais praticados, do que seria possível com os pequenos monumentos da fase anterior.

Em relação ao Neolítico Médio, o Neolítico Final alicerça-se num número já significativo datações cronométricas (Quadro 2):

- começamos pela data obtida para a sepultura periférica do Dólmen 1 dos Moinhos de Vento (ICEN-196). Esta funciona como um *terminus ante quem* para o conjunto do monumento, situando a sua utilização com grande probabilidade dentro do terceiro quartel do IV milénio a.C.
- se a primeira data obtida para a Orca das Castenairas (GrN-4924), até pelo respectivo contexto (Leisner e Ribeiro, 1966), pode ser lida como um *terminus post quem* para a construção do monumento, as restantes apontam para duas fases distintas de utilização: a primeira inclui a data obtida nos enchimentos da câmara (GrN-4925), e é também balizada por mais cinco, correspondentes ao corredor intratumular (de que a respectiva soma de probabilidades é 3497-3009 cal a.C.) e outras três respeitantes ao átrio (soma de probabilidades: 3339-2903 cal a.C.), o que a coloca firmemente na segunda metade do quarto milénio a.C.; a segunda, a serem credíveis outras duas datas do átrio (OxA-7436 e GrA-9314), pode muito bem corresponder à deposição de materiais cerâmicos, quando das parasitagens que o monumento sofreu na 1ª Idade do Bronze (cf. SENNA-MARTINEZ, 1994c e corresponder-lhe-ia a soma de probabilidades 1740-1438 cal a.C.).

Se reflectirmos agora sobre as cinco datas disponíveis para contextos habitacionais, verificamos que as mesmas recobrem parcialmente a segunda metade do IV milénio a.C. e parte da primeira metade do terceiro¹⁹. A contemporaneidade entre sítios de habitat e necrópoles não parece ser discutível, uma vez que à cronometria se soma a total identidade tipológica dos respectivos elementos de cultura material móvel.

Entre as componentes artefactuais que integram esta fase (quer em contextos habitacionais quer funerários²⁰ e que parecem corresponder a uma etapa de manifesta complexificação do ritual funerário), a olaria, os objectos de adorno em azeviche e “rochas verdes”, as pontas de projectil, “foices”, e os furadores e raspadores sobre lâmina, “punhais” e “alabardas” de sílex, revestem particular importância, nomeadamente porque, para as dimensões dos suportes alongados subjacentes a parte significativa da indústria lítica, bem como para as alabardas, não existe matéria-prima disponível em toda a Beira Alta²¹. Ao sílex podemos juntar o azeviche (além de diversas rochas

¹⁹ Uma vez que a datação por AMS de uma bolota carbonizada (OxA-5436) proveniente do silo/lareira da Cabana 1 do Habitat do Ameal-VI permite encurtar substancialmente o intervalo exageradamente amplo de uma anterior datagem (ICEN-345 – cf. Senna-Martinez, 1995/1996).

²⁰ Nos sítios de habitat estudados existe uma enorme coerência dos conjuntos artefactuais em relação aos recolhidos nos contextos funerários coevos. A indústria lítica talhada apresenta-se predominantemente produzida a partir de suportes laminares de grandes dimensões. Na amostra da Cabana 3 do Ameal-VI predominam ligeiramente os produtos de talhe (56%) sobre os utensílios (44%). Nos produtos verificam-se, por ordem de importância: as lascas (81%) das quais cerca de um quinto são corticais (19%), as lamelas (14%) e as lâminas (5%). Contudo nos utensílios de que é possível determinar o suporte a situação inverte-se: 75% são sobre lâmina, 19% sobre lasca e 6% sobre prisma de quartzo (U.A.D.14).

A matéria-prima predominante na indústria lítica talhada é, sem dúvida, o sílex (64%), seguido do quartzo (32%, maioritariamente – 91% – quartzo leitoso), calcário silicificado (3%) e xisto (1%). Se considerarmos apenas os utensílios ainda mais se acentua esta tendência com o sílex a representar 76%, seguido igualmente do quartzo (15%), calcário silicificado (6%) e xisto (3%), coincidindo o sílex com a totalidade daqueles cujo suporte, quando determinável, é laminar.

²¹ Uma vez que quartzo e xisto abundam regionalmente, consideramos significativo que cerca de metade dos produtos que evidenciam talhe local (lamelas e fragmentos + lascas e fragmentos + lascas corticais = 49%) sejam resultantes de trabalho do quartzo e, muito particularmente, o facto de entre eles se contarem dois terços das lascas corticais. Tal apontaria para um talhe local predominantemente de

sedimentares minoritariamente utilizadas no talhe), o que coloca a problemática do abastecimento e circulação destas matérias primas.

Os paralelos tipológicos mais próximos para as indústrias líticas talhadas e a olaria encontram-se nas correspondentes indústrias do Neolítico Final e Calcolítico da Estremadura atlântica, onde ocorrem em monumentos megalíticos, tumulações em gruta e nos primeiros sítios de habitat de cumeada. Tal conexão estremenha, a que podemos associar o paralelismo cronológico, possibilita construir uma hipótese explicativa para a origem das matérias-primas importadas, nomeadamente do sílex que, significativamente presente já nos mais antigos sítios de “habitat” aí conhecidos (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999a; VALERA, 1998), domina, desde o início, as produções artefactuais em pedra talhada do megalitismo regional e até momentos bem avançados. As contrapartidas regionais da Beira Alta bem podem ter sido, como referimos já a propósito do Neolítico Médio, o anfíbolite, e as “rochas verdes”.

A economia de talhe analisada, quer para necrópoles quer para sítios de “habitat” sugere uma combinação de: (1) utilização de suportes alongados em sílex, provavelmente importados, cujo elevado grau de fragmentação e transformação sucessiva, em ambiente doméstico²², pressupõe uma utilização até quase à exaustão²³; (2) o talhe local de pequenos nódulos de quartzo e, eventualmente, de rochas tipo sílex, para a produção de algumas lamelas mas, sobretudo, de lascas utilizadas tal qual ou transformadas em raspadores; finalmente, a utilização de prismas de quartzo permite o fabrico expedito de U.A.D.

De entre os diversos estudos que temos feito incidir sobre os materiais líticos talhados do Neolítico Final da nossa área de estudo ressalta, pelos resultados obtidos, o estudo do comportamento balístico teórico das pontas de projectil provenientes de nove arqueosítios atribuíveis ao Neolítico Final da Plataforma do Mondego (VENTURA & SENNA-MARTINEZ, 2003): Anta da Mondegã (45 exemplares), Orca de Santo Tisco (21 exemplares), Dólmen 1 dos Moinhos de Vento (93 exemplares), Orca dos Fiais da Telha (88 exemplares), Dólmen de S. Pedro Dias (16 exemplares), Dólmen da Bobadela (88 exemplares), Dólmen da Sobreda (101 exemplares), Orca do Tanque (166 exemplares), Orca do Pinhal dos Amiais (25 exemplares), num total de 597 exemplares.

Os resultados que então obtivemos demonstram que:

- Todos os exemplares estudados eram plenamente funcionais, isto é, não existem exemplares com valores de I_{pn} ²⁴ inferiores a 10.
- A maioria dos exemplares estudados, ou seja 52% (331 – com valores de $I_{pn}<30$), apenas seriam utilizáveis para abater alvos com uma massa inferior a 20 kg, correspondendo a animais de pequeno porte como coelhos, lebres, etc. – isto é, caça de pequeno porte.

quartzo com o talhe de sílex resumindo-se ao aproveitamento/reaproveitamento de produtos alongados, os quais, por razões já atrás apontadas pensamos serem importados.

A análise dos suportes laminares, recolhidos nos contextos funerários megalíticos que estudámos (SENNA-MARTINEZ, 1989a: 488-514) aponta para um “módulo de talhe” característico das lâminas estreitas (LEROI-GOURHAN, 1968: 251 e fig. 39), enquanto o domínio dos bordos paralelos, com uma espessura tendencialmente constante da parte mesial das lâminas, face de destaque sem ondas muito marcadas e talão estreito e significativamente menos largo do que a largura máxima do artefacto, são elementos que, segundo a listagem proposta por Tixier (1984: 66), nos fazem pensar num talhe de pressão para a produção de um número elevado dos suportes laminares representados nestes contextos.

²² Contrastando com o aspecto “novo” dos espólios funerários.

²³ Disso são claros indicadores as duas pontas de seta reapontadas, o fragmento de alabarda, os furadores e elementos de foice da Cabana 3 do Ameal-VI, bem como o estado de extremo desgaste da “foice de encabamento transversal” da Cabana 1 (cf. SENNA-MARTINEZ, 1989a: 498-499, Fig. 2, p. 167; SENNA-MARTINEZ, 1994c, p. 91 e Figs.11-12).

²⁴ O indicador balístico de maior utilidade e fiabilidade para um estudo de Balística dos Efeitos é o acima referido índice de perfuração (I_{pn}). Obtido pelo algoritmo $M / A \times 100$, em que M é a massa do projectil calculada pela fórmula $P \times V^2 / 2$, sendo P o peso do projectil em gramas, V a velocidade em m/s e A a área da respectiva secção transversal no ponto de largura máxima (VENTURA & SENNA-MARTINEZ, 2003, p. 12).



Fig. 11 – Orca do Fiais da Telha (Carrega do Sal, Viseu) vista do lado sul (2004).

- A categoria seguinte de projecteis (correspondendo a 22% da amostra estudada, 176 peças – com Ipn entre 31 e 39) permitiriam abater animais de médio porte, com 21 a 50 kg de massa muscular (cervídeos, lobo, etc.). Ainda que não directamente vocacionado para a “caça grossa” ou guerra, estes projecteis poderão ser usados como tal numa situação de “emergência”.
- Apenas 21% dos exemplares estudados (137 peças), correspondente a flechas com um Ipn superior a 40; poderiam ser utilizadas para abater “caça grossa” – o que deverá ser entendido como um animal com uma massa muscular superior a 50kg (javali, veado, etc., cf. KNECHT, 1997). Este último grupo é o tipo de projecteis também normalmente associados à guerra, dentro dos estudos etno-arqueológicos realizados.
- Os resultados obtidos demonstraram igualmente que a tipologia das bases não é directamente correlacionável com a função uma vez que as respectivas frequências se mantêm independentemente do valor de Ipn (VENTURA & SENNA-MARTINEZ, 2003, Quadros 2, 3 e 4).

Como teste aos resultados obtidos utilizámos o programa *ArrowPro* versão 1.0 de Ronald Mueller (MUELLER, 1997), aplicando-a aos valores médios dos exemplares atribuídos aos três grupos de Ipn, tendo podido verificar que, para os parâmetros considerados, as mesmas pontas eram eficazes dentro de uma distância de tiro até aos 20m. Tal não só está de acordo com os dados etno-arqueológicos então citados (VENTURA & SENNA-MARTINEZ, 2003, p. 13-14) como aponta igualmente no sentido de uma utilização prioritária em termos de caça de pequeno a médio porte (79% do total da amostra) o que é consistente com alvos que raramente seriam maiores que um cervídeo pequeno.

Face à evidência produzida, não parece que o conflito armado constituísse localmente uma determinante das categorias de produção de pontas de projectil, não podendo no entanto ocultar-se o facto de que, “em caso de necessidade” 48% das pontas produzidas poderem ser utilizadas contra alvos humanos²⁵.

Voltando aos monumentos megalíticos em si, se compararmos o cálculo das “massas tumulares médias”, agora efectuado para sete monumentos da Plataforma do Mondego atribuíveis ao Neolítico Final (VENTURA, 1999b, Quadro I), com o atrás referido para os monumentos do Neolítico Médio, obtemos o valor de 240.4 ± 72.8 m³, equivalente a 880.6 ± 242.3 h/trabalho, o que representa mais do triplo do verificado anteriormente. Do mesmo modo, o cálculo (efectuado agora para nove monumentos) do peso médio da laje de maiores dimensões da estrutura megalítica (normalmente a tampa da câmara) forneceu o valor de 5.3 ± 2.2 t, implicando a utilização de um número médio mínimo de 31.4 ± 12.9 indivíduos para o seu arraste com roletes (*Idem*, Quadro II). Também aqui os valores mais do que triplicam, implicando agora uma cooperação muito mais alargada (em termos de número de indivíduos) e necessariamente com um grau de coordenação superior.

Uma vez que o número de monumentos conhecidos aumenta significativamente no Neolítico Final (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2000b), tal aumento, associado ao acima exposto permite pensar num significativo acréscimo de população nesta etapa, com a correspondente pressão sobre os recursos disponíveis. Não nos admiremos, pois, que a análise dos perfis polínicos obtidos nas turfeiras de altitude do Maciço Central revele, na segunda metade do IV milénio cal a.C.²⁶, um novo episódio de desflorestação, “*affecting the entire area in a mild way*”²⁷ (cf. Quadro 3, *in* KNAAP & JANSSEN, 1991), inteiramente consentâneo com os desenvolvimentos detectados regionalmente no Neolítico Final e cuja explicação parece poder ser igualmente atribuída à abertura de novas áreas para pasto.



Fig. 12 – Orca das Castenairas (Vila Nova de Paiva, Viseu). Alabarda em sílex.

²⁵ Este modelo analítico foi também testado para um conjunto de cinco pontas de seta de um sítio calcolítico da Beira Alta, o Castro de Santiago. Os resultados então obtidos (SENNA-MARTINEZ, 1989, Vol.I-bis, p.132), com valores de I_{pn} entre 18 e 26, correspondem bem aos resultados aqui indicados. Se, como pensamos, a utilização primária destes artefactos for a caça, então a sua menor representatividade em ambientes do Calcolítico regional deverá correlacionar-se com a menor importância económica desta actividade neste período.

Sempre defendemos que este modelo merecia ser testado para outros conjuntos artefactuais semelhantes, provenientes de contextos regionais de maior complexidade. Lembremos que a quantidade de pontas de projectil recuperadas em alguns sítios emblemáticos do Calcolítico Peninsular tem sido invocada como argumento de uma pretendida “guerra total”. Importava pois conseguir um teste independente desta interpretação. Foi o que fez Maria Gertrudes Branco, na sua tese de mestrado defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (BRANCO, 2007). A aplicação do modelo a uma amostra de 82 exemplares completos do povoado da Pedra de Ouro (Alenquer) mostrou resultados estatísticos em tudo equivalentes aos por nós obtidos para a Beira Alta (BRANCO, 2007, p. 84-85).

²⁶ Baseando-nos na calibragem da série de datas fornecidas para a balizagem deste episódio e obtidas a partir de 5 perfis (Quadro 3 – cf. KNAAP & JANSSEN, 1991).

²⁷ “... afectando a totalidade da área de um modo moderado...”.

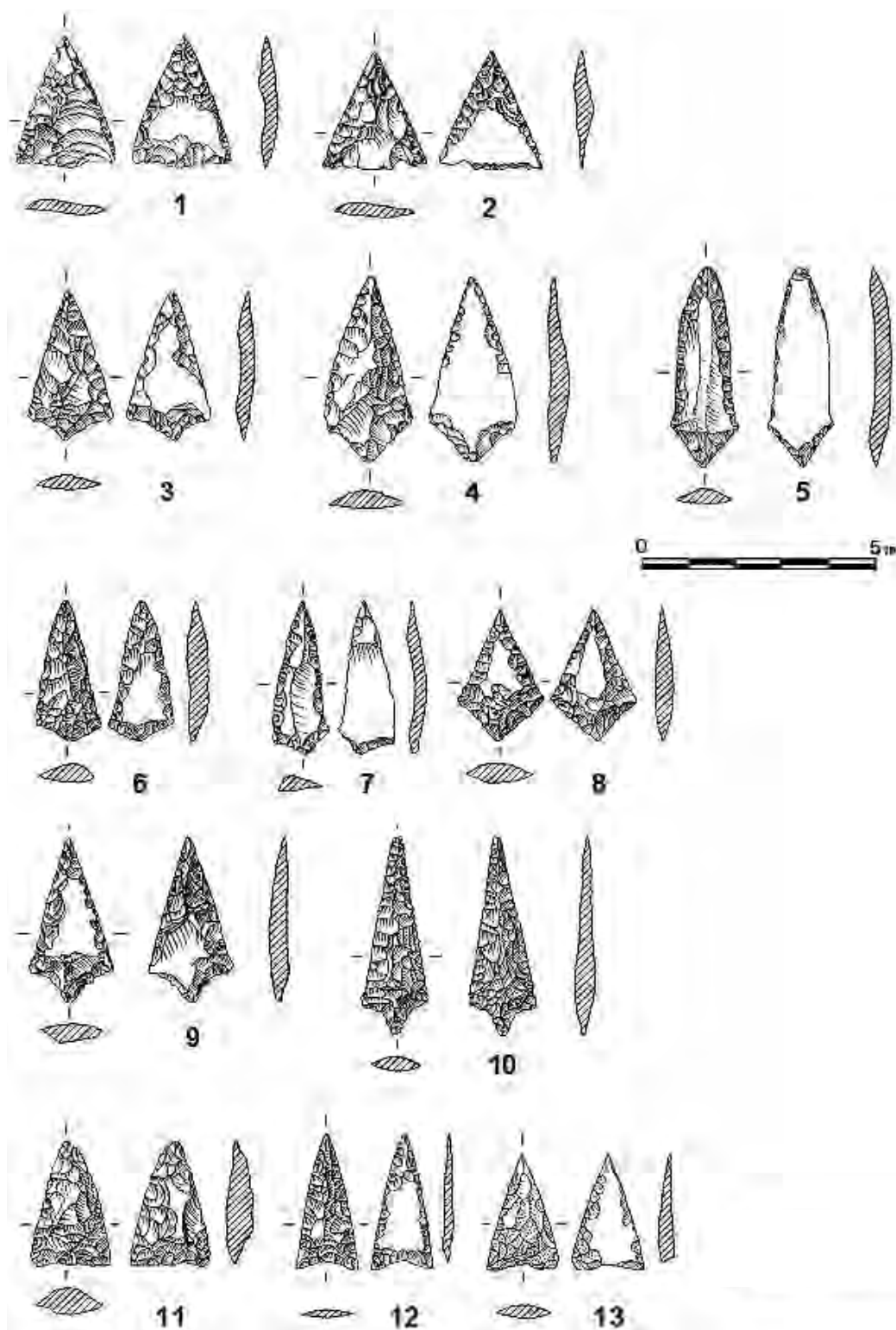


Fig. 13 - Pontas de projectil da Orca dos Fiais da Telha (Carregal do Sal, Viseu): 1 e 2 - bases rectas; 3 e 4 - bases bicôncavas; 5 - base triangular com aletas; 6, 7 e 8 - bases triangulares; 9 e 10 - bases pedunculadas; 11, 12 e 13 - bases côncavas.

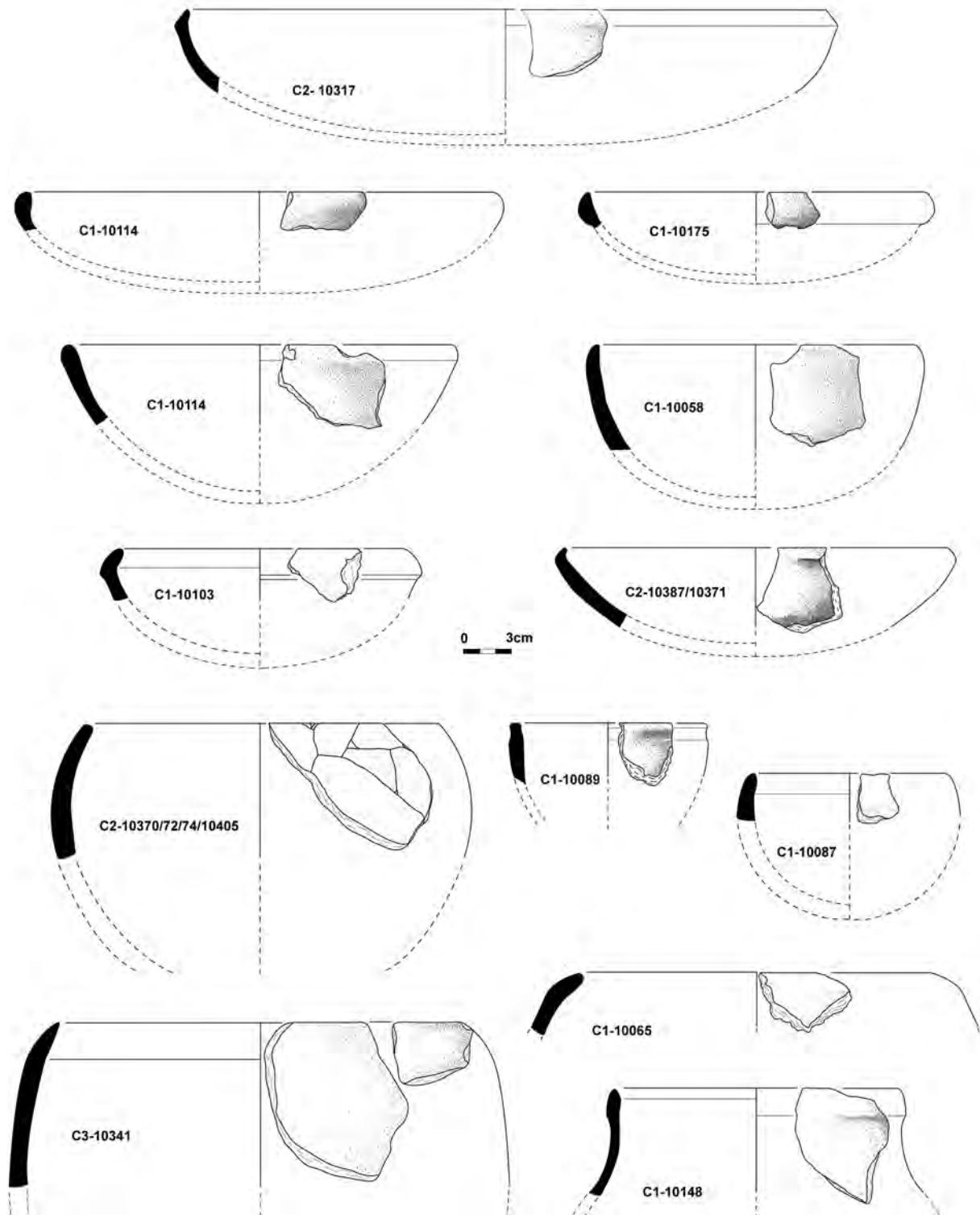


Fig. 14 - “Habitat” do Ameal-VI (Carregal do Sal, Viseu). Exemplos das principais formas de olaria das Cabanas 1 e 3 do Sector B.

Quadro 3. Cronologia das primeiras etapas do impacto antrópico na Serra da Estrela (seg. KNAAP & JANSSEN, 1991).

Sítio/contexto/amostra	Data BP	Data cal a.C. a 2 σ ²⁸
1. ^{as} influências locais (Neolítico Antigo):		
Candeeira [C10/D1]	5730 ± 100	4785-4364
Lagoa das Salgadeiras [4/5]	5700 ± 60	4702-4445
Soma de probabilidades		4727-4363
1. ^o "grande" impacto (Neolítico Final):		
Candeeira [D2/D3]	4605 ± 40	3518-3121
Charca dos Cões [4/5]	4595 ± 35	3511-3119
Clareza 1 [6/7]	4495 ± 40	3352-3031
Lagoa Comprida 2 [7]	4340 ± 90	3341-2857
Lagoa das Salgadeiras [5/6]	4370 ± 60	3326-2888
Candeeira [D4c]	4305 ± 40	3022-2878

Também para esta etapa existe uma orientação da esmagadora maioria dos monumentos da Beira Alta em função de posições no horizonte visual do sol nascente no período de Outono/Inverno (SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997; Hoskin *et al.*, 1998; HOSKIN, 2001, p. 95 sgs.).

A partir de 1987, a sucessiva identificação e escavação, na Plataforma do Mondego, de vários sítios de “habitat” correlacionáveis com o Neolítico Final regional, possibilita estabelecer relações entre os espaços dos vivos e dos mortos, alterando significativamente a situação anteriormente vigente.

As cabanas de sítios como o Ameal-VI, Murganho 2 e Quinta Nova (SENNA-MARTINEZ, 1995-1996) configuram instalações de invernia nas terras baixas, quer pela elaboração das respectivas “lareiras de cozinha/aquecimento”, quer pelas evidências fornecidas sobre a economia alimentar (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2000b).

Graças às intervenções no Ameal-VI e Murganho 2, é-nos agora possível atestar arqueograficamente a prática de torrefacção e moagem de bolota, a qual constituiria provavelmente uma das componentes alimentares mais importantes durante o Outono e Inverno (SENNA-MARTINEZ, 1995/1996, p. 1001-2).

Agora com evidências arqueográficas e ambientais acrescidas, o modelo económico-alimentar que propuseramos para o Neolítico Médio parece reforçar-se para as comunidades do Neolítico Final:

“...Com um ritmo de vida marcadamente sazonal, os sítios de habitat das terras baixas seriam ocupados durante o Outono e Inverno, época do ano em que parecem ter sido construídos a maioria dos dólmenes. Viveriam então recolectando bolota que torravam e moíam, praticando talvez a caça, uma pequena horticultura e cuidando dos rebanhos.

A Primavera e o Verão vê-los-iam deslocarem-se para os pastos altos das serras (como é o caso da Serra da Estrela) donde regressariam no início do Outono, abrigando-se novamente à sombra tutelar dos antepassados tumulados na necrópole vizinha.” (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2004, p. 22).

Prova directa desta deslocação estival para a alta montanha, é a existência ali de vestígios pré-históricos, como é o caso de um machado de pedra polida de anfíbolito, a par de um dormente de mó manual, de granito, a cerca de 1430m de altitude (CARDOSO & GONZÁLEZ, 2002).

Estas “aldeias” do Neolítico Final – que apenas alguma maior elaboração estrutural permite distinguir da do Folhadal (Neolítico Antigo) – encontrando-se embora muito próximas das respectivas necrópoles megalíticas

²⁸ Calibradas de acordo com o Programa Calib Rev 5.0.1 (STUIVER, M., & REIMER, P.J., 1993, *Radiocarbon*, 35, 215-230).

(SENNA-MARTINEZ, 1994a, p. 20) com elas contrastam pela precariedade das estruturas habitacionais conhecidas, que se opõe ao cariz de perenidade construtiva dos espaços funerários. Também aqui, as necrópoles são a “âncora na paisagem” destas comunidades que mantêm grande mobilidade sazonal.

Temos vindo a associar (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999a, 2000a, 2000b; VENTURA, 1998a, 1999b) o processo de complexificação dos monumentos megalíticos com o desenvolvimento das sociedades neolíticas. Face ao atrás afirmado, parece inescapável que tal acontece entre as duas fases do megalitismo regional aqui consideradas.

Estabilizado no Neolítico Final o ciclo sazonal de actividades, também se altera a inter-relação dos vivos com os mortos. Estabelecida, pelo menos desde as comunidades do Neolítico Médio regional, a percepção dos antepassados/mortos como “entidades protectoras”, esta parece reforçar-se no Neolítico Final, a ter em conta o esforço acrescido na construção dos grandes monumentos. Estes, agora dotados de entradas complexas²⁹, acolhem (tal como noutras áreas regionais – cf. GONÇALVES, 2003) um número acrescido de inumados, materializado no disparar numérico dos conjuntos artefactuais neles depositado.

A complexização geral dos grandes monumentos, tanto estrutural quanto ao nível do ritual, configura um desenvolvimento paralelo entre os aspectos sócio-económicos e simbólicos da sociedade.

A transição do fulcro do ritual, em parte, do interior para o exterior, de uma área restrita para um espaço alargado, visualizável por maior número de indivíduos, está documentada, além dos já referidos “espaços cénicos” frontais, através de deposições de oferendas nessas zonas fronteiras do monumento, tal como acontece nos casos do Monumento 1 dos Moinhos de Vento, Dólmen de S. Pedro Dias, Orcas do Outeiro do Rato e do Pinhal dos Amiais, por exemplo (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2004). Reforça-se assim a oposição/complementariedade entre o interior e o exterior, entre luz e sombra, vida e morte.

Os grupos do Neolítico Final parecem assim reclamar a apropriação efectiva de um território, assumindo-se a necrópole (agora monumental) como marca física, dotada de profunda carga simbólica, a um tempo apropriadora do espaço e dos seus recursos, bem como manifestação visível do “poder dos antepassados”, símbolo de coesão e legitimador do grupo que a constrói, lugar central (qual *axis mundi*) organizador da sociedade no território. Este, deixa de ser concebido como um espaço indivisível, aberto e partilhado, para se tornar território fechado, exclusivo. É a transformação da Paisagem em Território.

²⁹ Pelo menos em todos os casos alvo de intervenção recente. Estas estruturas, verdadeiras “passagens” entre os “dois-mundos”, apresentam-se com algum polimorfismo e podem ser constituídas por: um pequeno átrio ligado ao corredor intra-tumular, como no caso da Orca das Castenairas (Vila Nova de Paiva) e Dólmenes 1 e 2 da Lameira de Cima (Penedono – cf. GOMES, 1996); ou um átrio de maiores dimensões (uma quase “esplanada” frontal) ligada ao corredor intratumular, como no monumento de S. Pedro Dias (Vila Nova de Poiares – cf. SENNA-MARTINEZ, 1989, I- Fig.2.3), Dólmen 1 dos Moinhos de Vento (Arganil – *Id.* I- Fig.2-8), Orca do Outeiro do Rato (Carregal do Sal – *Id.* I- p.78-sgs.) e, eventualmente na Orca dos Fiais da Telha (Carregal do Sal – cf. VENTURA, 1998a, p. 55-6). Pode, ainda, aparecer fisicamente dificultado o acesso ao interior, através de corredores longos, estreitos e baixos, obrigando à prostração dos indivíduos que a essa zona têm acesso, propositadamente estreitados à entrada, como na Orca do Outeiro do Rato (Carregal do Sal – *Id.* I- p.71-sgs.). Estas estruturas de acesso podem alargar-se dramaticamente ao chegar à Câmara, muitas vezes precedida de uma pequena antecâmara – caso das Orcas dos Fiais da Telha, da Cunha Baixa (Mangualde) e dos Juncais (Vila Nova de Paiva).

Quadro 4. Neolítico Final da Plataforma do Mondego – formas de olaria comparadas.

Sítio/N.º de recipientes		Todos os Pratos	Total de Formas Abertas e Rasas Ia 85 – Ip 60	Total de Formas Fechadas e Fundas Ia 85 – Ip 60
Sítios de Habitat:				
Ameal-VI C.3	63	11.0%	66.6%	33.3%
Murganho 2 C.1	16	6.0%	68.8%	32.2%
Ameal-VI C.1	57	8.8%	78.9%	21.1%
Q. Nov a C.1	19	11.0%	74.0%	26.0%
Média da amostra		9.2±2.05	72±4.7	28±4.7
Monumentos megalíticos:				
Dólmen 1 dos M. Vento	76	13.0%	56.0%	44.0%
Dólmen de S. Pedro Dias	26	4.0%	84.6%	15.4%
Dólmen da Sobreda	443	12.2%	66.4%	33.6%
Dólmen do Seixo da Beira	100	8.0%	71.0%	29.0%
Orca dos Fiéis Telha	28	3.6%	53.6%	46.4%
Orca do Outeiro do Rato ³⁰	13	7.7%	53.9%	46.1%
Média da Amostra		8.08±3.6	64.3±11.2	35.8±11.2

A comparação dos conjuntos artefactuais entre necrópoles e sítios de habitat permite considerar as primeiras como um prolongamento dos espaços domésticos, o que explica o facto do “pacote artefactual funerário” replicar, na sua constituição, o utilizado naqueles (SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997, p. 666). Tal replicação, particularmente visível no dispositivo cerâmico (cf. Quadro 4), equipando os mortos para uma “outra vida”, contrasta com o praticado no Neolítico Médio, em que apenas algumas componentes artefactuais, de entre as então disponíveis, integravam os escassos espólios funerários desse etapa.

Associámos atrás os elementos colocados junto aos mortos no Neolítico Médio com uma situação de possível distinção do elemento masculino, que a iconografia da chamada “arte megalítica” permite perceber que se prolongaria pelo Neolítico Final. Como interpretar então os novos elementos dos espólios funerários juntamente com a “colectivização da morte” patente nesta etapa regional da Pré-História das Sociedades Camponesas?

Embora continuemos a pensar que as componentes agrícolas da economia são pouco significativas também no Neolítico Final, o reforço da componente recolectora e das actividades de farinha³¹, associados à maior elaboração das estruturas habitacionais, bem como a integração maciça de recipientes de olaria nas oferendas funerárias constituem, a nosso ver, evidências no sentido de um reforço do papel do elemento social feminino. O alargamento do “espaço mortuário”, de forma a englobar o “todo social”, além de um claro ganho multidimensional de complexidade (estrutural, simbólica, social...), pode ser assim percebido como um reforço da presença feminina nesse mesmo todo, como que a passagem de uma situação de “parceiro subordinado” a parceiro “integral”. Tal poderia explicar a ausência praticamente total de figuras femininas móveis no megalitismo a norte do Maciço Central em contraposição aos mundos estremenho e alentejano em que a emergência, no mesmo intervalo cronológico, dos ídolos placa e outras figuras da “grande Deusa” são claro indicador da importância da componente agrícola das respectivas economias.

É uma hipótese particularmente atraente poder conceber estes “espaços cénicos”, como o centro de toda a actividade de coesão social, cenário repetido de práticas que funcionariam como que como uma re-encenação contínua

³⁰ Recipientes do ambiente interior (SENNA-MARTINEZ, 1989a.)

³¹ Traduzida no significativo aumento de restos de componentes de mós manuais associados às estruturas de habitat estudadas.

do(s) acto(s) fundador(es) e justificador(es) da comunidade. Ao imitar e replicar simbolicamente as acções dos antepassados, os participantes não só interiorizariam os poderes de regulação simbólica de que supunham estar investidos como garantiriam, simultaneamente, a continuidade do todo social, bem como o “usufruto” do território, por tais antepassados desbravado e “domesticado”.

Se os primeiros monumentos, do Neolítico Médio, parecem traduzir a mobilidade de um grupo de economia itinerante, cuja componente não-predadora³² poderia não ser o principal elemento de subsistência, mas correspondendo a territorialidades emergentes, por outro lado reflectiriam a construção de uma “simbologia da morte”, através da construção de verdadeiras “estruturas formais de inumação”, associadas a “símbolos na paisagem”, marcadores, antes do mais, da própria emergência de tais territorialidades.

Logo desde o início, localização e função na paisagem das necrópoles seriam determinadas por critérios e prescrições rituais, evoluindo tanto no espaço como no tempo. Deste modo, a evolução destas comunidades, no Neolítico Final, para uma situação de maior dependência e controle dos territórios respectivos, nomeadamente quando “territórios de invernia”, conduz naturalmente a uma malha mais apertada de “aldeias” e respectivos monumentos funerários.

As sociedades camponesas, tal como antes os caçadores-recolectores (GODELIER, 1977, p. 231-235), necessitam transformar o seu discurso sobre a natureza, alterando-a, conformando a percepção da paisagem à sua realidade social. Enquanto se desenvolvem estratégias de subsistência dependentes do território, este sofre a assimilação a valores de carácter doméstico, prefigurando uma nova atitude social, que se estende da cultura sobre a natureza, convertendo-a, pelo menos em termos simbólicos.

O desenvolvimento de uma conceptualização “doméstica” da natureza implica concepções de tempo e espaço, anteriormente ausentes ou não fundamentais. Os monumentos megalíticos, enquanto marcos deliberados na paisagem, constituem parte integrante desta transformação, sempre entendida como uma acto de leitura ou de interpretação.

Na nossa área de estudo, o ciclo sazonal de actividades poderá assim ser balizado pela observação, empiricamente estabelecida, do trajecto sobre o horizonte visual das sucessivas posições do orto solar (SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997, p. 670). O “tempo-de-partir-para-a-serra” com os rebanhos tal como outros “tempos sociais” dependeriam assim, eventualmente, da observação da posição no horizonte do sol nascente e – convenhamos que resulta sugestivo –, porque não feita a partir da entrada/átrio do respectivo monumento/necrópole?

O espaço para estas comunidades é assim efectivamente apropriado fisicamente, convertido em território, porque também o é de forma simbólica. Tal apropriação simbólica tem agora nos monumentos megalíticos o seu suporte material, a um tempo a sua “âncora” e legitimação.

4. AS PERDURAÇÕES EPI-NEOLÍTICAS

Os grandes monumentos megalíticos do Neolítico Final são sujeitos, em épocas posteriores, a sistemáticas reutilizações, ou “parasitagens” (JORGE, *et al.*, 1997), as quais estabelecem a um tempo continuidades e rupturas com as intenções iniciais dos seus construtores.

De facto, o extremo conservadorismo cultural a que, na Plataforma do Mondego, se assiste desde os inícios do Neolítico tem uma boa representação nas reutilizações sucessivas como espaço funerário que os grandes dólmenes sofrem e que apenas se extinguem com o Bronze Final.

Enquanto outras áreas regionais, de que o Sudoeste peninsular é exemplo paradigmático, assistem à gradual substituição de dólmenes por *tholoi* (monumentos de falsa cúpula e de construção mais fácil e “económica”), na

³⁴ Pastoril e, nomeadamente, agrícola.

nossa área de estudo perduram reutilizações e apenas antevemos alguns escassos indícios de que a transição para o Calcolítico regional (incompleta em muitos casos) afectou as práticas construtivas a nível funerário.

A Orca do Valongo (Sobral de Papízios, Carregal do Sal – cf. HENRIQUES & BARROSO, 2000) constitui o único caso até à data encontrado, com características bem diferentes dos clássicos dólmenes de corredor desenvolvido da etapa de apogeu do megalitismo regional. Quer em termos da sua implantação no terreno, quer de volumetria, seria possível inseri-la em momentos considerados plenos do megalitismo regional. Contudo, a sua estrutura difere largamente dos restantes monumentos conhecidos na Plataforma do Mondego. Apresenta uma mamoa maioritariamente feita de terra, com um pequeno anel pétreo de contenção exterior e uma carapaça de pedra. A sua área interior não é contudo constituída por uma câmara megalítica clássica, mas sim por uma fossa contendo uma única laje que, à semelhança do que ocorre na Mamoa da Pena Mosqueira 3, (Mirandela – cf. SANCHES, 1997), funcionaria como ortóstato de cabeceira. O ingresso neste espaço inferior seria feito através de um provável “corredor intra-tumular”, cujo “fecho/condenação frontal”, por um amontoado pétreo, se associa com deposições de recipientes.

Se uma primeira análise dos materiais recuperados, em particular dos elementos cerâmicos, parece indiciar similitudes com materiais afins recolhidos em sítios de habitat do Neolítico Final regional, nomeadamente Ameal-VI, Murganho-2 e Quinta Nova, também é verdade que determinadas formas parecem indicar um momento mais tardio, similar ao detectado na Quinta Nova, o habitat vizinho, situação só possível de confirmar com o estudo exaustivo de ambos os conjuntos, ainda em curso.

Caso esta leitura se confirme, é provável que estejamos perante um monumento de transição entre os grandes monumentos do Neolítico Final e as estruturas detectadas para momentos mais tardios, já da Primeira Idade do Bronze ou mesmo do Bronze Final, como parecem ser as detectadas no Concelho de Vila Nova de Paiva, como os núcleos do Rapadouro (CRUZ & CANHA, 1997), Casinha Derribada (CRUZ, GOMES & CARVALHO, 1998a) e Serra da Muna (CRUZ, GOMES & CARVALHO, 1998b).

O monumento do Valongo, apesar de, no que respeita a espólio, implantação e mesmo alguns aspectos de concepção, possuir ainda algumas características dos grandes monumentos do Neolítico Final, apresenta já uma variedade de soluções estruturais, apontando para os conjuntos denominados por Fernando Silva, de tradição megalítica (SILVA, 1994), os quais parecem inserir-se em momentos avançados do terceiro milénio a.C., num momento que poderemos classificar de Epi-Neolítico, conquanto paralelo, em termos cronológicos, aos ensaios regionais de calcolitização.

A lógica de legitimação dos espaços de invernada que preside à concepção dos monumentos neolíticos parece assim perdurar durante as etapas subsequentes. Apenas a reordenação do povoamento que ocorre com o Bronze Final trará outras concepções do espaço sem que, contudo, a sazonalidade inerente à transumância desapareça dos “espaços e tempos beirões” até estar bem entrado já o século XX da nossa era. Mas isto... é já outra “história”.

Lisboa, Julho de 2008

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T., CARVALHO, A.F. & ZILHÃO, J. (1997) – Arqueologia. In J. ZILHÃO, Ed. *Arte rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, p. 77-210.
- BRANCO, M.G.A. (2007) – *A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da Coleção Hipólito Cabaço*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 49).

- CARDOSO, J.L. & GONZÁLEZ, A. (2002) – Testemunhos da ocupação pré-histórica da Serra da Estrela. *Al-madan*. Almada. II Série, 11, p. 242.
- CARRETÉ NADAL, J. M. Ed. (1995) – *Actes del I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavá. Bellaterra. 2 vols.
- CARVALHO, A. F. (2003) – A emergência do Neolítico no actual território português: Pressupostos teóricos, modelos interpretativos e a evidência empírica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 21, p. 65-150.
- CARVALHO, A. F. (1999) – Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico Antigo do Baixo Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2(1), p. 39-70.
- CARVALHO, A. F. (1998) – *Talhe da pedra no Neolítico Antigo do Maciço Calcário das Serras D’Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa: Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego. (Textos Monográficos, 2).
- CASTRO, L. A. & FERREIRA, O. V. (1959) – Protecção e conservação do dólmen pintado de Antelas. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 243-249.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V. & VIANA, A. (1957a) – Acerca dos monumentos dolmênicos da Bacia do Vouga. *Actas XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra. Tomo VIII, p. 471-481.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V. & VIANA, A. (1957b) – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38, p. 326-346.
- CHAPMAN, R. (1981) – Emergence of formal disposal areas and the «problem» of megalithic tombs in prehistoric Europe. R. CHAPMAN, IAN KINNES e KLAUS RANDBORG, Eds. *The Archaeology of Death*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 71-81.
- CORDEIRO, A.M.R. (1992) – O Homem e o Meio no Holocénico Português. Paleo-ambientes e erosão. *Mediterrâneo*. Lisboa. 1, p. 89-109.
- CRUADO BOADO, F. (1995) – The visibility of the archaeological record and the interpretation of social reality. *Interpreting Archaeology: finding meaning in the past*. Londres: Routledge. p. 194-204.
- CRUZ, D. (1995a) – Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, p. 81-119.
- CRUZ, D. J. (1995b) – Dólmen de Antelas (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, Viseu). Um sepulcro-templo do Neolítico Final na Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, p. 263-264.
- CRUZ, D. J. (1998) – Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V-II milénios AC). *Actas do Colóquio «A Pré-História na Beira Interior»*. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 149-166.
- CRUZ, D. J. & CANHA, A. (1997) – Escavação Arqueológica da Mamoa 4 do Rapadouro (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu). *Conimbriga*. Coimbra. XXXVI, p. 5-26.
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F. & CARVALHO, P. S. (1998a) – O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). *Conimbriga*. Coimbra. XXXVII, p. 5-76.
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F. & CARVALHO, P. S. (1998b) – Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). *Actas do Colóquio «A Pré-História na Beira Interior»*. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 375-395.
- CRUZ, D. & VILAÇA, R. (1994) – O Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): novas datações de Carbono 14. *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal»*. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 63-68.

- CUNHA, A. L. (1995) – Anta da Arquinha da Moura (Tondela). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. XXXV(3), p. 133-151.
- DELIBES DE CASTRO, G. & ZAPATERO MAGDALENO, P. (1995) – De lugar de habitación a sepulcro monumental: Unja reflexión sobre la trayectoria del yacimiento neolítico de La Velilla, en Osorno (Palencia). *Actes del I Congrés del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavá. Bellaterra. 1, p. 337-348.
- DELIBES DE CASTRO, G., *et al.*, (1985) – *Historia de Castilla y León. 1. La Prehistoria del Valle del Duero*. Valladolid: Ámbito.
- DINIZ, M. (2001) – Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4(2), p. 111-113.
- ELIADE, M. (1970) – *Traité d'Histoire des Religions*. Paris. Payot.
- ESTREMERA PORTELA, M. S. (2003) – *Primeros agricultores y ganaderos en la Meseta Norte: El Neolítico de la Cueva de la Vaquera (Torreiglesias, Segovia)*. Zamora: Junta de Castilla y León. (Memorias: Arqueología en Castilla y León, 11).
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. & RAMIL REGO, P. (1994) – Fechas de C14 en yacimientos arqueológicos, depósitos orgánicos y suelos de Galicia. *Gallaecia*. 13, pp. 151-176.
- FERREIRA, O. V. & LEITÃO, M. [s/d (1981)] – *Portugal Pré-Histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins. Europa-América.
- GODELIER, M. (1977) – Vers une théorie marxiste des faits religieux. *Horizons. Trajets marxistes en Anthropologie*. Paris: Maspero. 2, p. 229-241.
- GOMES, L. F. C. (1996) – *A necrópole megalítica da Lameira de Cima (Penedono - Viseu)*. Viseu. *Estudos Pré-Históricos*. 4.
- GOMES, L. F., *et al.* (1998) – O Dólmen de Areita (S. João da Pesqueira, Viseu). *Actas do Colóquio “A Pré-História da Beira Interior”*. Viseu. *Estudos Pré-Históricos*, 6, p. 33-93.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – Origens, espaços e contextos do Megalitismo. V. S. GONÇALVES, *ed. Muita gente, poucas antas?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*, 25, p. 7-12.
- GONÇALVES, V. S. (2004) – As deusas da noite: o projecto «Placa Nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7(2), p. 49-72.
- HENRIQUES, A. P. & BARROSO, M. (2000) – Orca do Valongo (Oliveira do Conde, Carregal do Sal). J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, *Eds. Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia. p. 71.
- HOSKIN, M. (2001) – *Tombs, Temples and their Orientations*. Bognor Regis: Ocarina Books.
- HOSKIN, M., *et al.* (1998) – Studies in Iberian Archaeoastronomy: (5) Orientations of Megalithic Tombs of Northern and Western Iberia. *Archaeoastronomy*. 23 (JHA, xxix), p. S59-S62.
- JORGE, V. O. (1991) – Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 31 (1-4), p. 181-184.
- JORGE, V. O. (1989) – Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista da Faculdade de Letras (Porto)*. Porto. II Série. 6, p. 365-443.

- JORGE, V., *et al.* (1997) – *As mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço)*. Porto: SPAE.
- JORGE, V. O. *et al.* (1988) – O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira) – Notícia preliminar. *Arqueologia*. Porto. 18, p. 109-130.
- KNAAP, W. O. V. & JANSSEN, C. R. (1991) – *Utrecht on the Rocks - Serra da Estrela (Portugal)*. XV Peat Excursion of the Syst.-Geobo. Institute, University of Bern, Part II. Laboratory of Paleobotany and Palynology. State University of Utrecht/The Netherlands.
- KNAAP, W. O. V. & VAN LEEUWEN, J. F. N. (1994) – Holocene vegetation, human impact, and climatic change in the Serra da Estrela, Portugal. In: A. F. LOTTER e B. AMMANN, *Eds. Festschrift Gerhard Lang. Dissertationes Botanicae*. 234, p. 497-535.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1968) – Die Dolmen von Carapito. *Madrider Mitteilungen*. 9, p. 11-62.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1966) – A escavação dos Dólmen-Orca das Castenairas, Fráguas – Vila Nova do Paiva. *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*. Porto. p. 5-12.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2002) – Estação Pré-Histórica do Prazo – Freixo de Numão – estado actual dos conhecimentos. *CÓAVISÃO*. 4, p. 113-126.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2000) – A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão – Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular. Algumas considerações preliminares. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, III – Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, p. 149-168.
- MORÁN, E. & PARREIRA, R., *Eds.* (2004) – *Alcalar 7. Estudo e Reabilitação de um Monumento Megalítico*. Lisboa: IPPAR.
- MUELLER, R. L. (1997) – *ArrowPro*. Aplicação para Windows (freeware). In: <http://www.simtel.net/pub/dl/38116.html>
- MUNICIO, L. (1988) – El Neolítico en la Meseta Central española. *Pilar López Ed., El Neolítico en España*. Madrid. Catedra, p. 299-328.
- NUNES, J. C. (1974) – *Introdução ao Estudo da Cultura Megalítica no Curso Inferior do Alva*. Sá da Bandeira. Cursos de Letras da Universidade de Luanda. 2ª Ed. revista editada pela Assembleia Distrital de Coimbra em 1981.
- O'KELLY, M. J. (1982) – *Newgrange. Archaeology, Art and Legend*. Londres: Thames e Hudson.
- ROJO GUERRA, M. & ESTREMER PORTELA, S. (2000) – El valle de Ambrona y la Cueva de la Vaquera: testimonios de la primera ocupación neolítica en la cuenca del Duero. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, III – Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto. ADECAP, p. 91-95.
- SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional*. Porto: SPAE, 2 Vols.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) – *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. policopiada.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994a) – Megalitismo, habitat e sociedades: a Bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c.5200-3000 BP). *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal. Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 15-29.

- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994b) – O sítio de habitat neolítico das Carriceiras (Carregal do Sal): a campanha 2(1993). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 225-230.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994c) – Notas para o estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta: o fenómeno campaniforme. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 163-190.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1995-1996) – Pastores, recolectores e construtores de megálitos na Plataforma do Mondego no IV e III milénios AC: (1) O sítio de Habitat do Ameal-VI. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3/4, p. 83-122.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1996) – Do espaço doméstico ao espaço funerário: ideologia e cultura material na Pré-História Recente do Centro de Portugal. *OPHIUSSA*. Lisboa. 0, p. 65-76.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2000a) – O habitat do Neolítico Antigo das Carriceiras (Sobral de Papzios, Carregal do Sal). J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, Eds. *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia. p. 23-25
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2000b) – O Crasto do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal). J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, Eds. *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 144-145.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & ESTEVINHA, I.M.A. (1994) – O Sítio de Habitat das Carriceiras (Carregal do Sal): notícia preliminar. *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal. Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 55-61.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & PEDRO, I (2000) – O Grupo Baiões/Santa Luzia no Quadro do Bronze Final do Centro de Portugal. J. C. SENNA-MARTINEZ e I. PEDRO, Eds. *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 119-131.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & PEDRO, I Eds. (2000) – *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & VALERA, A. C. (1989) – A Orca de Pramelas, Canas de Senhorim. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu. p. 37-50.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M.Q. (1999a) – Espaço Funerário e “Espaço Cénico: a Orca do Folhadal (Nelas). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 5, p. 21-34.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M.Q. (1999b) – Evolução das Paisagens Culturais na Plataforma do Mondego na Pré-História Recente (c.5000-550 cal AC). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 5, p. 9-20.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M.Q. (2000a) – Os Primeiros Construtores de Megálitos. J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, Eds. *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 35-38.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M.Q. (2000b) – Pastores, recolectores e construtores de megálitos: O Neolítico Final. J. C. SENNA-MARTINEZ e I. PEDRO, Eds. *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 53-62.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M.Q. (2004) – A luz e as sombras: A encenação da morte no Neolítico do Centro de Portugal. *Turres Veteras*. Torres Vedras. 6, p. 17-33.

- SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J.M.Q. (2008) – Neolitização e Megalitismo na Plataforma do Mondego: Algumas Reflexões sobre a Transição Neolítico Antigo/Neolítico Médio. *Actas do IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. Alicante. 2, p. 77-84.
- SENNA-MARTINEZ, J.C., LÓPEZ PLAZA, S. & HOSKIN, M. (1997) – Territorio, ideología y cultura material en el megalitismo de la plataforma del Mondego (Centro de Portugal). *O Neolítico Atlántico e as Orixes do Megalitismo*. *Actas del Coloquio Internacional (Santiago de Compostela, 1-6 de Abril de 1996)*. Santiago de Compostela. Cursos e Congressos da Universidade de Santiago de Compostela. 101, p. 657-676.
- SILVA, F. A. (1994) – Túmulos do Centro-Norte litoral. Prolegómenos a uma periodização. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 9-33.
- SIMÕES, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 12).
- STUIVER, M. & REIMER, P. J. (1993) – Extended ¹⁴C database and revised CALIB radiocarbon calibration program. *Radiocarbon*. 35, p. 215-230.
- STUIVER, M., REIMER, P. J. & REIMER, R. (2005) – CALIB 5.0.1. WWW Program and documentation.
- VALERA, A.C. (2003) – O povoado da Quinta das Rosas (Maceira, Fornos de Algodres): a intervenção diagnóstica de 2003. In: http://www.terravista.pt/Nazare/2242/Invest//QRosas03/QRosas_03.html
- VALERA, A.C. (2002-2003) – Problemas da neolitização da Bacia Interior do Mondego a propósito de um novo contexto: A Quinta da Assentada, Fornos de Algodres. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10-11, p. 5-29.
- VALERA, A.C. (2000) – O sítio arqueológico da Quinta do Soito no contexto do povoamento do Neolítico Antigo da Bacia Interior do Mondego. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8, p. 5-17.
- VALERA, A.C. (1998) – A Neolitização da Bacia Interior do Mondego. *Actas do Colóquio A Pré-História da Beira Interior*. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 131-148.
- VALERA, A. C. (1997) – *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda)*. *Aspectos da calcolitização da bacia do alto Mondego*, Lisboa, EAM/Colibri, Textos Monográficos, 1.
- VENTURA, J.M.Q. (2000) – Orca 2 de Oliveira do Conde, Carregal do Sal, Viseu. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 6, p. 1-23.
- VENTURA, J. M. Q. (1999a) – Os Materiais da Mamoa da Orca 2 do Ameal (Carregal do Sal, Viseu): Análise Tipológica e Enquadramento Cronológico. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 7, p. 65-84.
- VENTURA, J. M. Q. (1999b) – Monumentalidade e visibilidade nos monumentos megalíticos da Plataforma do Mondego. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M*. Lisboa. 5, p. 35-49.
- VENTURA, J. M. Q. (1998a) – *A Necrópole Megalítica do Ameal, no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.
- VENTURA, J. M. Q. (1998b) – O núcleo megalítico dos Fiais/Ameal: um novo balanço. *Actas do Seminário A Pré-História na Beira Interior*. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 11-31.
- VENTURA, J. M. Q. (1995/1996a) – A Orca 2 do Ameal (Oliveira do Conde, Carregal do Sal): a campanha 3(994), *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3/4, p. 271-276.

VENTURA, J. M. Q. (1995/1996b) – A Orca 2 de Oliveira do Conde (Carregal do Sal): a campanha 1(994). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3/4, p. 277-280.

VENTURA, J.M.Q. & SENNA-MARTINEZ, J. C. (2003) – Do Conflito à Guerra: Aspectos do desenvolvimento e institucionalização da violência na Pré-História Recente Peninsular. *Turres Veteres*. Torres Vedras. 5, p. 9-19.